



Eduardo Gonçalves

**Encontros, identidades e simbolismos:
os *pilotis* como lugar de memória da
PUC- Rio.**

Monografia apresentada ao Departamento
de História da PUC-Rio como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Bacharel em História

Orientadora:

Profa. Dra. Margarida de Souza Neves

Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 2008.

Especialmente para Diomar, Victor, Dulce, Raquel, Michel, Maurício, Lady, Ricardo e todas as pessoas que acreditaram que não era tarde para eu sair em busca dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha família que sempre esteve presente nos momentos mais importantes e decisivos da minha vida e da trajetória acadêmica. À minha mãe, Diomar, pelo carinho, atenção e pela educação que me propiciou com muito esforço e dignidade. Ao meu querido e amável irmão Victor, que desde o seu nascimento, deu mais brilho, luz e alegria para a minha vida. Às minhas tias Dilma e Dulcinéia, que, cada uma ao seu estilo, sempre estiveram presentes e me apoiaram em todas as minhas decisões pela vida afora. Por fim, agradeço também à minha prima Dilcilene pela paciência em imprimir vários trabalhos, sempre disponível para ajudar e contribuir.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela bolsa de estudos a mim concedida. Ao FESP e toda sua equipe por oferecerem meios que possibilitaram a realização da minha graduação com mais tranquilidade.

À Coordenação Central de Pós-Graduação e Pesquisa da PUC-Rio, em especial o Vice-reitor acadêmico Professor José Ricardo Bergmann, pela bolsa de Iniciação Científica concedida, oportunidade ímpar para o meu desenvolvimento profissional.

A toda equipe do Núcleo de Memória: Ana Beatriz, Marcela e Clóvis Gorgônio, e, posteriormente, Ana, Bia, Juliana, Luciana e Antônio, pelo companheirismo, dedicação, seriedade, e, acima de tudo, pelos laços de amizade que guardarei para sempre.

À professora Margarida de Souza Neves pela confiança e estímulo que sempre pautou as nossas relações. À pesquisadora Sílvia Ilg pelo carisma e profissionalismo. Aos demais professores, funcionários e amigos do Departamento de História da PUC-Rio, que também foram fundamentais no decorrer da minha trajetória acadêmica.

Muito obrigado!

RESUMO

Trabalho monográfico como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História que desenvolve uma reflexão sobre a memória institucional, pessoal e coletiva que encontra nos *pilotis* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro um *lugar de memória* privilegiado. O documento de análise é uma série constituída de 8 fotografias sobre os *pilotis*, delimitada entre os anos de 1964 a 2000, disponível no acervo do *site* do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*. A tese principal deste trabalho é mostrar como os *pilotis* são lugares de memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

ABSTRACT

Monograph required in order to obtain the BA in History that brings a reflection about institutional, personal and group memories represented by the *pilotis* of the Pontifícia Universidade Católica from Rio de Janeiro, a priveleged memory place.

The analysis document is a group containing 8 photographs about the *pilotis*, between 1964 and 2000, available in the collection of the PUC-Rio Memory Center website. The main thesis of this monograph is to show how the *pilotis* constitute PUC-Rio memory places.

PALAVRAS-CHAVE

Pilotis, memória, fotografia, lugar de memória, identidade, PUC-Rio.

ÍNDICE

Introdução.....	6
Capítulo I – O <i>pilotis</i> e sua funcionalidade arquitetônica.....	11
I.1 O <i>Esprit Nouveau</i> das <i>Villes Pilotis</i>	11
I.2 A fundação da PUC-Rio e os seus <i>pilotis</i>	17
Capítulo II – Suportes de memória: a série de fotografias sobre os <i>pilotis</i> da PUC-Rio....	22
II.1 Memória, fragmentos e suportes.....	22
II.2 A História através da imagem.....	25
II.3 As fotografias como suporte de memória significativo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.....	31
Capítulo III – O lugar de memória e os registros sobre os <i>pilotis</i> da PUC-Rio.....	34
III.1 - Pierre Nora e os lugares de memória.....	34
III.2 - A série de fotografias do Núcleo de Memória sobre os <i>pilotis</i> da PUC-Rio.....	37
Conclusão.....	57
Documentação.....	61
Bibliografia.....	63

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como principal objetivo desenvolver uma reflexão sobre a memória dos eventos ocorridos nos *pilotis* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O foco de análise recairá sobre a série de registros fotográficos delimitada entre os anos de 1964 a 2000, que está disponível no acervo de *Núcleo de Memória da PUC-Rio*. A partir desta série, será elaborado um processo de reflexão sobre as identidades e simbolismos acerca dos eventos e acontecimentos ocorridos nos espaços dos *pilotis* da PUC-Rio.

Desde o segundo semestre de 2005, época em que eu cursava o segundo período da graduação em História, participo, desde o seu início, como pesquisador do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*. Atualmente estou caminhando para o meu terceiro ano de pesquisa neste Projeto, que foi fundamental para que eu aplicasse os conhecimentos teóricos que obtive em sala de aula na prática cotidiana, fosse através do manuseio de documentos escritos, trabalhando com iconografia ou com história oral.

O meu desejo em elaborar uma monografia sobre o lugar de memória que os *pilotis* representam para a história da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro veio de um anseio em produzir um trabalho que fizesse uso dos documentos que muitas vezes eu mesmo havia localizado, selecionado e catalogado no trabalho do Núcleo de Memória. É uma oportunidade que tenho de produzir uma reflexão acerca da minha participação e contribuição como pesquisador, e, a partir daí, desenvolver um trabalho monográfico como forma de consolidar o conhecimento que acumulei e adquiri.

Acredito que este estudo seja fundamental para criar e também para auxiliar na consolidação da memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, uma vez que ele é pioneiro dentro desta instituição. Desejo, através do meu argumento, demonstrar que os *pilotis* da PUC-Rio, a partir das fotografias selecionadas entre os anos de 1964 a 2000, foram – e continuam sendo - espaços de socialização, encontros, debates e ainda locais que houve acontecimentos importantes, como a visita de Robert Kennedy. Trazer à

tona essa multiplicidade de efemérides e analisá-la dentro do seu contexto histórico é fundamental, pois traz novamente para o presente personagens e episódios que foram especialmente importantes na trajetória e na escrita da história da Universidade e que, em muitos casos, acabam ficando armazenados e esquecidos dentro dos arquivos.

Para a interlocução teórica, as reflexões do historiador francês Pierre Nora sobre memória serão fundamentais para pensar a experiência ocorridas nos *pilotis* e para desenvolver os argumentos que irei defender neste trabalho. Para ele, o conceito de lugar de memória adquire um tríplice sentido, pois é um lugar físico, simbólico e funcional. Esse conceito irá atravessar a análise deste trabalho para pensar sobre como os *pilotis* podem ser considerados lugar de memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ao operar com o conceito de “lugar de memória”, irei averiguar também como os *pilotis* da PUC-Rio representam um lugar físico, dinâmico e vivo dentro da memória institucional, uma vez que a sua própria construção possibilita que as pessoas possam circular e se socializar. Através deste argumento, irei demonstrar como os *pilotis* são lugares que tem por função criar uma identidade institucional e serem lugares simbólicos de memória, principalmente através dos eventos que nele ocorreram e que acabaram contribuindo para a construção da própria memória institucional da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como por exemplo, através das missas e celebrações acadêmicas ali realizadas e as eleições dos Diretórios Estudantis.

As preciosas análises do arquiteto francês Le Corbusier fornecerão todo o arcabouço teórico acerca da construção dos *pilotis*, as suas funcionalidades e as suas vantagens. Se inicialmente constituíam uma saída arquitetônica para resolver o problema de falta de espaço e de moradias na Europa, os *pilotis* se revestiram de uma nova particularidade, que se expressa, também, a partir do projeto arquitetônico que foi implantado no *Campus* da Gávea. Conhecer todo o debate em torno das construções em concreto armado irá oferecer bases mais sólidas que auxiliarão na reflexão e na compreensão sobre a construção dos *pilotis* da PUC-Rio.

As reflexões teóricas de Ana Maria Mauad sobre os usos e os abusos da utilização das fotografias para compor argumentos históricos serão cruciais para trabalhar com a série de fotografias. Como um texto escrito, as fotografias são uma das leituras possíveis da realidade e, por isso, precisam ser lidas e circunscritas no seu âmbito de produção, pois dizem sobre a própria memória da sociedade do seu tempo. Para interpretá-las, algumas etapas devem ser seguidas: primeiramente irei realizar uma pesquisa sobre as suas condições de produção, quando elas foram feitas e por quem – se por um fotógrafo oficial da PUC-Rio ou por outro profissional externo –, já que o primeiro pode ter seguido regras e normas institucionais mais fixas. Feito isto, a próxima análise recai sobre o que as fotografias estão refletindo, por exemplo: no registro de uma missa nos *pilotis*, como as pessoas estão dispostas? Quem está participando? Somente aparecem reitor, padres e autoridades eclesiais ou acadêmicas nas primeiras fileiras ou também tem a presença de alunos e professores? Esses dados são importantes, pois podem revelar hierarquias presentes nesses registros iconográficos. É importante também observar os atos e gestos das pessoas presentes nas fotografias, uma vez que podem revelar pistas e indícios importantes, ao mostrar as pessoas de maneira ordenada e pacífica, quando o fato que foi registrado pode não necessariamente ter ocorrido desta forma, o que diz muito sobre o que o fotógrafo quis privilegiar no seu registro. Por fim, creio que seja indispensável fazer uma análise da série de fotografias como um todo, com objetivo de descobrir que eventos foram privilegiados para o registro, se foram somente aqueles de cunho oficial ou houve também espaço para eventos mais informais ocorridos nos *pilotis*, o que torna indispensável também realizar uma análise sobre as vestimentas e gestos das pessoas presentes nas fotografias.

Para sistematizar toda a decomposição realizada através das fotografias, primeiramente defendo que é importante ordenar os dados observados através das datas. O passo seguinte será o de verificar quais foram às circunstâncias e os indivíduos privilegiados que os fotógrafos optaram por registrar, sem deixar de observar o que e quem ficou de fora do centro dos acontecimentos fotografados, ao comparar as fotografias com os relatos dos eventos descritos, por exemplo, nos *Anuários da PUC-Rio*, uma vez que podem revelar sobre as intenções que presidiram sua promoção e sobre o que era importante focar. Todo esse montante de dados será importante para elaborar uma reflexão sobre o que foi

selecionado ou descartado pelo olhar do fotógrafo, sobre o que foi preservado ou descartado nos arquivos da Universidade, bem como sobre os episódios que eram importantes de serem divulgados para a comunidade da PUC-Rio, e que, pelo registro e conservação, contribuíram para a formação das identidades e para a construção da memória da PUC-Rio.

De modo geral, alguns objetivos nortearam a realização deste trabalho monográfico:

- Mapear a série de fotografias sobre os *pilotis* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre os anos de 1964 a 2000, que está catalogada no acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*, e que será utilizada como documentação para análise e reflexão.
- Selecionar os documentos textuais recolhidos nos diversos departamentos da PUC-Rio e que estão catalogados no Núcleo de Memória, com objetivo de buscar informações e elaborar uma reflexão sobre os acontecimentos ocorridos nos *pilotis* da PUC-Rio.
- Buscar nas Cronologias do *site* do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* informações que possam auxiliar e contribuir para a reflexão acerca do meu projeto.
- Produzir uma reflexão sobre como as redes de sociabilidade acadêmica e como as identidades eram construídas e como isso acabou transformando os *pilotis* em um espaço ao mesmo tempo institucionalizado e também simbólico na PUC-Rio.

E as hipóteses que sustento neste trabalho são:

- Que a construção e divulgação da memória dos acontecimentos ocorridos nos *pilotis* da PUC-Rio é fundamental, pois diz também sobre a própria memória institucional.

→ Que o conceito de lugar de memória definido por Pierre Nora – em seu tríplice sentido de lugar físico, simbólico e funcional de construção da memória -, pode operar em relação aos *pilotis* da PUC-Rio.

Este trabalho monográfico é apenas umas das várias interpretações que o acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* possibilita, já que como é um acervo vivo, dinâmico e plural, possibilita novas apropriações, debates e importantes reflexões.

CAPÍTULO I

O piloti e sua funcionalidade arquitetônica.

I.1 - O *Esprit Nouveau* das *Villes Pilotis*.

Nascido em seis de outubro de 1887 em La Chaux-des-Fonds na Suíça, Charles-Édouard Jeanneret-Gris naturalizou-se francês em 1930 e adotou o pseudônimo de Le Corbusier. Através do contato que teve Auguste Perret a partir de 1908, em Paris, iniciou os seus primeiros estudos baseados na estrutura de concreto armado para blocos de apartamentos. Os quatorze meses nos quais passou empregado com Perret, lhe possibilitaram ter uma formação inicial básica sobre o uso do concreto armado, além de conseguir aumentar os seus conhecimentos gerais, principalmente em cultura francesa clássica. O contato com o arquiteto Perret até 1910 foi fundamental, já que ele era um grande defensor das estruturas de concreto devido à sua natureza monolítica e maleável, além, ainda, da durabilidade que ofereciam e dos grandes benefícios que geravam para a circulação. Essas diversas experiências e contatos marcaram, daí pra frente, o método e a maneira de trabalhar de Le Corbusier.

Em 1910, Corbusier foi para a Alemanha aprofundar os seus conhecimentos na técnica do concreto armado. Foi neste momento que ele trabalhou no ateliê do designer Peter Behrens, local onde teve contato com arquitetos importantes da época. Antes de voltar para a Suíça, seu país natal, realizou uma grande viagem pelos Bálcãs e pela Ásia Menor, conhecendo mais intimamente a arquitetura otomana, que depois se tornaria influência marcante em suas obras. Ao retornar à sua cidade natal em 1913, decidiu abrir seu próprio escritório em La Chaux-de-Fonds, já com o intuito de se especializar nas construções em concreto armado. Em 1914 desenvolveu o sistema *Dom-ino*, um sistema de construção pautado na elaboração de elementos pré-moldados que combinava diversas formas.

O ano de 1915 foi decisivo na vida de Le Corbusier. Juntamente com seu amigo, o engenheiro suíço Max du Bois, desenvolveu o que seriam as marcas dos seus projetos até a

década de 1920: as estruturas das casas que iria desenvolver até 1935; e as chamadas *Villes Pilotis*, cidades projetadas para serem construídas em cima de grandes pilastras que sustentavam as construções.

Após desenvolver projetos importantes de vilas e casas¹, em outubro de 1916, Le Corbusier muda-se para Paris a trabalho. Os cinco primeiros anos foram de trabalho árduo, além da dedicação à pintura e a escrita. Decidiu largar o emprego de gerente de fábrica de tijolos e de materiais de construção em Alfortville e, juntamente com seu primo Pierre Jeanneret, abrir um escritório de arquitetura. Kenneth Frampton assinala que uma das primeiras realizações do escritório foi apresentar as bases do projeto das *Villes Pilotis*².

Após o término da Primeira Grande Guerra, momento que ele passou a se dedicar à pintura, fundou juntamente com Amedée Ozenfant um centro de debate sobre a estética purista. Abrangendo não só a literatura e a pintura, mas também a arquitetura, seus princípios defendiam a ordem formal a partir do cubismo, sendo as revistas *L'Esprit Nouveau*, os livros “Por uma arquitetura” e a pintura moderna os veículos principais de difusão.

Em 1922, as *Villes Pilotis* foram sendo aperfeiçoadas, a partir da elaboração de dois projetos: a *Maison Citrohan* e a *Ville Contemporaine*. O primeiro, uma construção em pavimentos sustentada sobre *pilotis*, e o segundo uma espécie de “cidade capitalista de elite que seria um centro de administração e controle”³, com blocos residenciais de concreto que pudessem se adaptar à necessidade de locomoção em uma cidade em que a velocidade era o grande destaque.

Conforme assinalado por Kenneth Frampton, a *Maison Citrohan*, construção sustentada por *pilotis*, já antecipava “Os cinco pontos de uma nova arquitetura”, que Le

¹ Como, por exemplo, a *Villa Turque* e a *Villa Schwob*, cf. FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 182.

² Idem. Ibidem. p. 183.

³ Idem. Ibidem. p. 185.

Corbusier formulou em 1926 e reuniu em 1927, e que apontavam os cinco pontos fundamentais para elaboração de qualquer moradia:

- “1) os pilotis que elevavam a massa acima do solo,
- 2) a planta livre, obtida mediante a separação entre as colunas estruturais e as paredes que subdividiam o espaço,
- 3) a fachada livre, o corolário da planta livre no plano vertical,
- 4) a longa janela corredeira horizontal, ou fênêtre en longueur, e finalmente
- 5) o jardim de cobertura que supostamente recriava o terreno coberto pela construção da casa.”⁴

Neste trabalho monográfico, o foco de análise e estudo recairá sobre o primeiro ponto, para abordar esse elemento arquitetônico e elaborar uma reflexão sobre os *pilotis* e todas as suas funcionalidades que trazem para um projeto arquitetônico.

Le Corbusier defendia que somente a padronização, o urbanismo racional e a fabricação industrial fariam com que as pessoas fossem alojadas de maneira mais decente e racional. Por si, essa era a função primordial de qualquer arquiteto. Para ele, “*arquitetura é circulação*”⁵ e para isso, defendeu que as construções em concreto armado fossem uma saída para a eliminação das paredes e para promover a circulação. Os pilares seriam fincados distantes uns dos outros em pequenos poços que garantiriam a sustentabilidade. Com isso, o solo ficava inteiramente livre e disponível para usufruto, o que resolveria problemas como o da circulação e da higiene das grandes cidades, ao mesmo tempo em que possibilitaria o abrigo da chuva e do sol, abria espaço para a entrada da luz e do ar livre e possibilitaria uma vista ampla e maior organicidade na administração do espaço físico.

Com efeito, Le Corbusier afirma que

*“A arquitetura é um ato de vontade consciente.
Arquitetura é ‘colocar em ordem’.
Pôr em ordem o que? Funções e objetos. Ocupar o espaço com edifícios e estradas. Criar receptáculos para abrigar os homens e criar comunicações úteis para chegar até eles. Agir sobre nossos espíritos mediante a habilidade das soluções, sobre nossos sentidos por meio das formas propostas a nossos olhos e das distâncias impostas a nossa caminhada. Comover, por meio do*

⁴ Idem. Ibidem. p. 188.

⁵ LE CORBUSIER. *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 57.

*jogo das percepções a que somos sensíveis e das quais não podemos nos desvencilhar. Espaços, distâncias e formas, espaços interiores e formas interiores, caminhadas interiores e formas exteriores, espaços exteriores – quantidades, pesos, distâncias, atmosfera, é com isto que agimos. São estes os acontecimentos que estão em causa.”*⁶

A arquitetura como ordem. Arquitetura como circulação. Qual seria o elemento fundamental para que essas características fossem alcançadas de fato? Os *pilotis*. Eles sustentam no ar as construções e favorecem a livre circulação na parte de baixo, liberando imensos espaços e facilitando a captação da luz. Uma curiosa indagação é feita por Le Corbusier, uma vez que muitos sustentavam que as construções elevadas no ar poderiam provocar uma sensação de angústia. Ele rebate essa hipótese ao afirmar que os *pilotis*, além de serem um meio mais econômico de construção

*“(…) Deixam passar a luz sob as edificações, eliminando assim todo conceito de ‘frente’ e ‘fundo’ da construção, esses fundos oprimidos por uma sombra opaca, onde musgos melancólicos crescem por entre o chão e nos quais percorremos furtivamente espaços lúgubres”.*⁷

Os *pilotis* possibilitam a recuperação de espaços imensos que antes não existiam, ao mesmo tempo em que solucionam o problema da circulação e favorecem a mobilidade. Eles refletem a

*“(…) Conseqüência do cálculo e a finalização elegante da tendência moderna da economia, aqui tomada em sentido nobre. É atribuir a determinados pontos o cuidado de suportar, seguindo um cálculo exato, cargas precisas, sem perda nenhuma”.*⁸

Sua proposta sustenta que espaços utilizáveis fossem ganhos gratuitamente, e pudessem, conforme sugere Le Corbusier, trocar a paisagem estática da pedra pela natureza, através da arborização e do plantio de gramas, por exemplo.

Le Corbusier reconhece que o *piloti* foi um recurso já utilizado em épocas anteriores, como por exemplo, na Acrópole de Atenas e nas colunatas da praça de São

⁶ Idem. Ibidem. p. 78.

⁷ Idem. Ibidem. p. 58.

⁸ Idem. Ibidem. p. 60.

Pedro em Roma, que ele próprio admirava pela grandiosidade e pela contribuição que deixaram para toda humanidade. Entretanto, o *piloti* representa uma “*grande conquista das técnicas modernas*”⁹, pois sustentam edificações acima do solo, geram ganho de espaço, favorecem os próprios princípios do urbanismo, já que integram e favorecem a organicidade e possibilitam uma interação entre a construção em concreto, a natureza no seu entorno e os homens. Os edifícios que ficam suspensos tornam-se utilitários e não apenas construções estáticas e desfiguradoras da vista horizontal, realizando o que ele denomina de “*a revolução arquitetônica contemporânea*”¹⁰. A construção se apresenta inteira e completa, como se estivesse em uma vitrine para ser apreciada e contemplada, e, ao ter sua parte de baixo liberada, possibilita a contemplação de toda a sua massa constitutiva. Tudo fica no ar, solto, apoiado nos *pilotis* que “*(...) proporcionam uma riqueza de cilindros, de luz numa sombra ou numa penumbra e também, ao espírito, a impressão de uma tensão surpreendente. Embaixo, a luz produz os efeitos mais fantasistas.*”¹¹

Existe uma independência entre a construção e o espaço liberado na sua parte inferior. Apesar da construção ligar-se organicamente ao seu espaço livre para circulação, o que acontece na parte de baixo ocorre de forma independente do cotidiano do interior da construção. Tanto o espaço da base dos *pilotis* é independente, quanto a construção também o é. A velocidade é outra. O tempo também é outro. Entretanto, o espaço só existe porque a construção existe e está elevada sobre os *pilotis*. Os *pilotis* erguem as construções e ao mesmo tempo possibilitam a liberdade e disponibilidade espacial. Portanto, os *pilotis*, as construções e o espaço livre, estão umbilicalmente interligados, através de uma relação que é harmônica e, ao mesmo tempo, independente.

Para Le Corbusier, somente ao livrar-se da complexidade das formas arquitetônicas, é possível realmente criar um sistema através do jogo eficaz das formas. Com efeito, ele defende que o *piloti* é o órgão útil que pode oferecer possibilidades plásticas. É um

⁹ Idem. Ibidem. p. 56.

¹⁰ Idem. Ibidem. p. 61.

¹¹ Idem. Ibidem. p. 68.

*“Meio maravilhoso de sustentar no ar, na vista total de seus quatro contornos, o ‘lugar das relações’, o ‘lugar de todas as medidas’, este prisma no ar, legível e mensurável como jamais foi. É o benefício proporcionado pelo concreto armado ou pelo ferro”.*¹²

Não bastava apenas aglomerar cubos cilíndricos desordenados, uma vez que a construção, segundo ele, requer atos de *“plena consciência, fenômeno de espiritualidade”*.¹³

É interessante destacar a idéia de *sinfonia arquitetônica*¹⁴ que Le Corbusier desenvolve para afirmar o papel do *piloti* como objeto arquitetônico que tem por funcionalidade liberar o solo para a circulação mais livre e ampla e, ao mesmo tempo, oferecer uma interação maior com a natureza, é considerada fundamental para ele no que diz respeito às cidades capitalistas. Logo,

*“O piloti passa a ser o recurso técnico que permite a incorporação ao processo de percepção arquitetônica da ‘linha impecável da parte inferior do edifício’, permitindo que o volume ‘seja visto por inteiro’. Mais do que isso, é o elemento construtivo que permite harmonizar a necessidade de construir edifícios em escala cada vez maior e a ‘intenção elevada’ de manter intacta a ‘poesia da paisagem’.*¹⁵

Mais do que favorecer e dar destaque à construção em concreto, Le Corbusier enfatiza e destaca a importante relação entre a arquitetura e a natureza, e opera, dessa maneira, a

*“Modificação da relação entre arquitetura e a natureza, que já não será de domínio ou sujeição mas de interação, de estabelecimento de uma estratégia projetual (...) [denominada] de ‘composição atmosférica’, consistente com o jogo de relações entre os prismas puros idealizados e as paisagens (...)”.*¹⁶

Os *pilotis* funcionam como artérias para a circulação. Essa concepção significava a triplicação da superfície de circulação da cidade. Le Corbusier defendia a sua realização por

¹² Idem. Ibidem. p. 89.

¹³ Idem. Ibidem.

¹⁴ Idem. Ibidem. p. 278.

¹⁵ Idem. Ibidem.

¹⁶ Idem. Ibidem.

corresponder à necessidade das grandes cidades naquele momento, os custos eram menores e era mais higiênica. A sua principal defesa se baseava no fato de que

“Em lugar de estabelecer as fundações escavando e construindo espessos muros de fundações, em lugar de cavar e recavar eternamente as calçadas para instalar nelas (trabalho de Sísifo) as tubulações de água e de gás, os esgotos e os metrô, e repará-los sem fim, teríamos decidido que os novos bairros seriam construídos no nível do solo com as fundações substituídas por um número lógico de pilares de concreto; estes suportariam os pavimentos térreos dos edifícios e, em forma de sacadas, os pisos dos passeios e das calçadas (...). Uma rede inteira de circulação, independente daquela destinada aos pedestres e aos veículos rápidos, teria sido ganha, tendo sua geografia própria, independente do atravancamento das casas: floresta ordenada de pilares por onde a cidade faria a troca de suas mercadorias, seu abastecimento, todas as tarefas longas e pesadas que hoje congestionam a circulação.”¹⁷

Para Le Corbusier, portanto, pensar a solução arquitetônica dos *pilotis*, era pensar na busca de soluções para os imensos problemas contemporâneos do urbanismo e da arquitetura. Era fundamental buscar a afirmação da fundamentação do sistema arquitetônico com objetivo de ser aplicado na escala da cidade e da paisagem, buscando intervir no espaço da moradia e no seu entorno, a partir da distância, do tempo, da duração, dos volumes, da cadência e da quantidade, que para ele, representavam a própria imagem e a fundamentação do urbanismo e da arquitetura.

I.2 – A fundação da PUC-Rio e os seus *pilotis*.

Em primeiro de janeiro de 1940 foram iniciados os trabalhos preparatórios do grupo designado por Dom Sebastião Leme, então Cardeal do Rio de Janeiro, pelo Padre Leonel Franca, S.J., e pelo Dr. Alceu Amoroso Lima, presidente da Ação Católica Brasileira, para o planejamento das Faculdades Católicas, com o objetivo de responder a todas as condições que eram exigidas por lei para viabilizar o funcionamento dos cursos superiores. Em 21 de junho, em uma reunião solene, foi anunciada a fundação das Faculdades Católicas do Rio de Janeiro. Faltavam apenas às formalidades jurídicas. O então Presidente da República,

¹⁷ LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 37.

Getúlio Vargas, assinou o decreto 6.409 de trinta de outubro de 1940, que autorizava as Faculdades Católicas a instalarem o curso de Bacharelado na Faculdade de Direito e os sete cursos da Faculdade de Filosofia.

Conforme documentam as cronologias do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*¹⁸, o ano de 1941 foi marcante para as Faculdades Católicas. No dia 15 de março foram instalados os cursos da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia no Palacete Joppert, na rua São Clemente, sede das Faculdades, bem como da Reitoria. O corpo docente era constituído por 44 professores, dos quais 16 possuíam o título de Doutor, 8 destes obtidos no exterior. Nesta mesma data, foi iniciada a campanha financeira em prol da futura Universidade Católica no Rio de Janeiro.

Com o aumento do número de alunos no ano de 1942, as instalações do Palacete tornaram-se insuficientes. Como saída provisória, em outubro foi inaugurado um novo pavilhão que passou a abrigar também a Faculdade de Direito. No dia primeiro de dezembro as Faculdades Católicas foram reconhecidas oficialmente, passando a fornecer diplomas com o mesmo valor que o dos estabelecimentos públicos.

No ano de 1945, as Faculdades Católicas contavam com 375 alunos. Após cinco anos de funcionamento as Faculdades de Direito e de Filosofia foram autorizadas pelo decreto 8681, de 15 de janeiro de 1945, a se reunirem com a Escola de Serviço Social, e constituíram a partir de então uma Universidade. Somente no dia 15 de janeiro de 1946, um ano depois, foi decretada a elevação das Faculdades Católicas à categoria de Universidade. Em 21 de outubro foram aprovados os estatutos da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Logo depois, através do decreto de 20 de janeiro de 1947, a Santa Sé concedia à nova instituição o título e a prerrogativa de Universidade Pontifícia.

Ao perceber a carência e a necessidade da existência de técnicos nacionais capazes de fazer frente às crescentes necessidades da engenharia brasileira, em julho de 1947 o

¹⁸ <http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos> ou acesso através da página principal da PUC-Rio, clicando no link “Núcleo de Memória da PUC-Rio” e logo em seguida em “Cronologias”.

Reitor Padre Leonel Franca, S.J. juntamente com um grupo de professores e engenheiros, elaborou o projeto de criação de uma Escola de Engenharia, integrada à Universidade. Entretanto, ela só foi fundada em 21 de janeiro de 1948. Foi autorizado o funcionamento da Escola Politécnica, reconhecida em 11 de setembro de 1952 pelo decreto 31.443.

A partir de 1951, teve início a campanha em prol da construção do que então era chamado de a Cidade Universitária na Gávea, com vistas à instalação definitiva da Universidade Católica. Em 19 de abril de 1955 foi lançada a campanha promovida por alunos de várias faculdades e escolas, com o objetivo de construir o ginásio-auditório. Conseguiram arrecadar o total de um milhão de cruzeiros. No dia 17 de julho de 1955 foi inaugurada a nova sede da PUC-Rio na Gávea, durante a semana do Congresso Eucarístico Internacional. O projeto arquitetônico para o *Campus* da Universidade foi de autoria do arquiteto, então professor de Desenho Técnico no Curso de Engenharia da PUC-Rio, Edgar Fonseca, e já previa o estabelecimento da construção de uma Biblioteca¹⁹.



1953 - Operários carregam os moldes dos *pilotis*. Acervo do Projeto Comunicar – PUC-Rio

¹⁹ Cf. LEONÍDIO, Otávio; MARTHA, Luiz Fernando. *Midioteca da PUC-Rio*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Romano Guerra Editora/ PUC-Rio, 2007. p. 6.

Desde a inauguração do *Campus* da PUC-Rio na Gávea, a arquitetura dos *pilotis* sempre teve destaque. Adaptado do modelo criado por Le Corbusier, aplicado como funcionalidade orgânica agora para uma Cidade Universitária, os *pilotis* sempre estiveram presentes no modelo arquitetônico adotado pela Universidade. Os moldes cilíndricos dos *pilotis*, carregados pelas mãos de trabalhadores da construção civil, foram paulatinamente preenchidos de concreto, e, fincados no solo, serviram para dar sustentabilidade para os blocos e prédios que gradativamente foram sendo erguidos.

Inicialmente os *pilotis* foram uma saída arquitetônica adotada em função das características que se apresentavam no terreno no qual veio a ser construída a PUC-Rio, e buscavam integrar a Universidade, a comunidade acadêmica e a rica e exuberante natureza do terreno, sem prejudicar ou atrapalhar esses três elementos. O recurso do uso dos *pilotis* foi a saída que levou a harmonização entre o concreto, os homens e a natureza. Inicialmente, a sua função foi de servir de sustentação para os prédios da Universidade. Entretanto, o espaço livre que os *pilotis* geram no térreo das construções favoreceu e possibilitou a promoção de encontros, serviu de passagem e de espaço de circulação. Também levaram à integração da natureza do *Campus* com o ambiente acadêmico próprio da Universidade, e logo destacou-se como uma das marcas de identidade da PUC-Rio: crescer com sustentabilidade e organicidade, sem abrir mão do seu espaço natural.

O uso dos *pilotis* liberou um espaço cheio de luz, em que é possível observar os blocos de vários ângulos, e fazer uso da luz natural do sol. A natureza desempenha um papel importante. Os *pilotis* contribuem para uma convivência harmônica entre a construção em concreto e a flora do *Campus*, que por eles é emoldurada. A natureza está inserida dentro do *Campus*, bem como os homens e os prédios. Os *pilotis* possibilitam a visibilidade de qualquer ângulo que um observador estiver, favorecem a noção de unidade e de organicidade, possibilitam uma visão ampla. A natureza penetra por todos os lados, sem atrapalhar a visão ou desfavorecer a beleza arquitetônica dos *pilotis*. Estes, combinados com as construções suspensas dos blocos, com a natureza e a comunidade universitária, formam um todo único, não homogêneo, porém harmônico.

Os *pilotis*, com o decorrer do tempo, tornaram-se espaço de interação entre os alunos, professores, funcionários e demais indivíduos que circulam pelo *Campus*, e adquiriram novas funções. Não sem razão uma recente publicação os compara à antiga *Ágora* do mundo grego, uma vez que

*“Na Pólis grega, a Ágora, espaço público por excelência, era lugar de encontro, de troca de idéias, de exercício da cidadania, de debate e de confrontos. Por cumprir funções análogas, os Pilotis podem, com justiça, ser considerados como a Ágora da PUC-Rio.”*²⁰

Vale destacar que, inicialmente, no projeto arquitetônico do *Campus* não constava outra funcionalidade para os *pilotis* que não a de sustentar os blocos no ar e gerar um ganho de espaço para circulação. Com o passar do tempo, percebe-se, principalmente através das fotografias que registram momentos importantes que aconteceram na PUC-Rio, que muitos dos principais eventos da Universidade aconteceram nos *pilotis*, transformando-os no espaço institucional por excelência da PUC-Rio, e em sua síntese imagética.

Os *pilotis* se transformaram no espaço por excelência de sociabilidade, local de estudo, interação, debates e troca de experiências, e foram palco de eventos, encontros e acontecimentos importantes, acadêmicos e extra-acadêmicos, de tal forma que não apenas se transformaram em representação icônica da PUC-Rio, mas de certa forma como uma das imagens que representam a universidade brasileira, como o confirmam não poucos filmes e programas televisivos neles filmados. Além disso, eles serviram também como inspiração para a criação de várias marcas e logotipos institucionais, como um dos símbolos institucionais da Universidade, o site da PUC-Rio, o logo do Núcleo de Memória, as capas de publicações institucionais, e o material de divulgação da Universidade o atestam.

Todos esses aspectos foram importantes para transformar os *pilotis* em lugar de memória por excelência da PUC-Rio, no qual aspectos e momentos particularmente importantes se condensam e situam as experiências de outrora e de hoje que marcaram a vida da Universidade.

²⁰ NEVES, Margarida de Souza. “A Ágora da PUC-Rio”. In: *Agenda PUC-Rio 2009*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. Mês de outubro.

CAPÍTULO II

Suportes de memória: a série de fotografias sobre os *pilotis* da PUC-Rio

II.1 – Memória, fragmentos e suportes

Para o historiador francês Jacques Le Goff, “o conceito de memória é crucial”²¹, pois existe um duplo movimento de lembrança e esquecimento que ocorre no presente. É no presente que construímos e reconstruímos as nossas memórias, ao preservar o tempo passado e lembrá-lo para servir ao tempo presente, tendo em vista o futuro.²² Na memória, entrecruzam-se o passado e o presente; os espaços físicos e os simbólicos; o individual e o coletivo; o mito e a história; a lembrança e o esquecimento; o real e o imaginário; as subjetividades e a objetividade; o registro e a invenção e diversas outras polaridades que em um primeiro momento podem parecer contraditórias, mas que se articulam para fazer da memória instrumento de poder e campo de embate de forças²³. Por isso, Le Goff afirma que:

*“De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”.*²⁴

Fazer memória torna-se um procedimento fundamental para partilhar com os demais uma dada vivência e também para que as gerações futuras tenham a oportunidade de conhecer os percursos já realizados. Por essa razão, muitos autores sublinham que a memória é um elemento essencial, que constitui as identidades e com ela se relaciona diretamente, sejam elas individuais ou coletivas.

²¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 423.

²² APUD NEVES, Margarida de Souza. Projeto *Agenda PUC-Rio 2009*. Rio de Janeiro: Núcleo de Memória da PUC-Rio, 2008. (mimeo).

²³ APUD NEVES, Margarida de Souza. “Os jogos da memória”. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de (org). *Ler e escrever para contar. Documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998. pp. 203 a 219.

²⁴ LE GOFF, Jacques. op. cit.. p. 535.

O antropólogo Gilberto Velho, em texto intitulado “*Memória, Identidade e Projeto*”²⁵, aponta para a complexidade que envolve as sociedades moderno-contemporâneas, as suas diversas visões de mundo e os seus variados estilos de vida. No cerne dessa sociedade de caráter homogeneizante, destaca-se a preocupação com a diferença, com a diversidade e com o que é heterogêneo. Nela, o indivíduo passou a ser ator importante, pois como as suas ações e atitudes são específicas, elas são cabíveis de registro, e criam uma biografia individual que configura sua particularidade e a relaciona com os diversos vetores de identidades presentes no interior da sociedade.

O argumento central defendido por Velho enfatiza a importância que a criação da memória tem dentro de uma sociedade moderna individualista. Neste tipo de sociedade, o que mais importa é a “*memória socialmente significativa*”²⁶ que relaciona os indivíduos com o todo constituído pela sociedade, com pouca ênfase nas particularidades possíveis a cada um dos membros que a conformam. Por este motivo, a construção da trajetória do indivíduo, com ênfase nos seus feitos, é relevante socialmente, e destaca a sua singularidade em um meio social que trata os indivíduos como iguais e não valoriza as memórias individuais.

A memória não é um resgate do passado, mas é uma construção na qual relacionamos o tempo passado e lembrado com o tempo presente, pois sempre acessamos esse tempo anterior da vivência a partir das questões levantadas no presente, com os olhos fixados nas indagações e nos desafios futuros.

É de fato muito interessante a relação orgânica que Gilberto Velho estabelece entre projeto, memória e identidade. Segundo ele, a construção da memória é muito importante, uma vez que ela permite uma visão mais ou menos organizada da trajetória de vida de um indivíduo, e necessariamente ancora identidades e projetos, que, por sua vez postulam o solo da memória como condição necessária de sua existência.

²⁵ VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”. In: *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

²⁶ Idem. *Ibidem*. p. 99.

A análise proposta nesse trabalho tem por objetivo exatamente tentar construir uma memória mais ou menos organizada que possa trazer novamente à tona pessoas que participaram de momentos marcantes ocorridos nos *pilotis* da PUC-Rio, bem como os acontecimentos, processos e circunstâncias que foram fundamentais para a trajetória e para a construção da história da PUC-Rio, e que, por vezes, ficam esquecidos.

Velho afirma ainda que o projeto está umbilicalmente ligado à memória, pois, para que o indivíduo elabore metas e objetivos a serem alcançadas, é fundamental ter à disposição uma memória consolidada e construída que forneça elementos do passado para o presente, para que elaboração de um projeto tenha consistência e revele a consciência identitária. A memória e o projeto são, portanto, fundamentais para dar significado às ações e para a vida dos indivíduos – e também das instituições -, por contribuírem para a própria construção da identidade.

Este argumento é significativo para este trabalho, pois, ao operar com uma série de fotografias que tem por objeto os *pilotis* da PUC-Rio, e que registram eventos e indivíduos que cuja memória está dispersa em fragmentos do passado, a organização, verificação e divulgação dos dados permite contribuir para o conhecimento da memória institucional – e portanto da identidade - da própria Universidade. As experiências pessoais do passado nos *pilotis* estão intimamente ligadas às experiências coletivas da PUC-Rio como um todo.

Por fim, a definição de memória proposta por Velho é fundamental para esta monografia. A memória, para ele, é uma construção retrospectiva e fragmentada e, para que haja uma identidade comum, é preciso organizar os pedaços e os restos, dando uma consistência e uma continuidade ao passado que, de outra forma, se configura como algo descontínuo e desconexo. A costura desses retalhos do passado é primordial para consolidar o vivido em narrativas coerentes e oferecer, tanto ao presente quando ao futuro, o resultado do que foi construído.

Margarida de Souza Neves e Esper Cavalheiro enfatizam e acrescentam que, sobretudo,

“(...) A memória está longe de constituir-se no repertório fidedigno do que realmente aconteceu. Ancorada no presente, vulnerável e em perene movimento, seu trabalho de constante reconstrução entrelaça temporalidades para tecer, com os fios da lembrança e do esquecimento, uma trama de relações entre o passado e o projeto.”²⁷

É importante não esquecermos que a memória está fortemente ligada às experiências de vida dos indivíduos e das instituições ou coletividades que as lembrou para produzir narrativas coerentes, e que ela nunca irá contemplar a totalidade ou os detalhes de eventos acontecidos. De outra maneira, ela irá selecionar o que foi mais marcante na trajetória narrada, e pode por em relevo episódios significativos ou carregados de emoção, capazes de despertar uma diversidade de sentimentos, ou como trazer para o presente uma experiência negativa ou que o tempo revelou como tal.

II.2 – A História através da imagem.

*“Somos somente fotografia (...).
Somos instantes, palavras, poesia.”*

Os versos da música *“Distantes demais”*²⁸ da cantora, percussionista e violonista paulista Badi Assad podem nos ajudar a compreender o significado das fotografias para a História e para a construção memorialística, e dão o diapasão de uma análise que leve em conta como as fotografias podem contribuir para a construção do conhecimento histórico.

Desde a sua descoberta, a fotografia acompanhou o homem e as transformações do mundo. Registradas em um suporte físico reduzido, as fotografias guardam recordações de eventos pessoais, do cotidiano e do mundo, registros de personalidades, viagens realizadas, países visitados, situações familiares, eventos públicos, em momentos captados e revelados sempre através do olhar do fotógrafo, que serve como mediador.

²⁷ CAVALHEIRO, Esper; NEVES, Margarida de Souza. "Entre a memória e o projeto: o momento atual da Pós-Graduação no Brasil". In: PALATNIK, Marcos (Org.). *A Pós-Graduação no Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. p 51.

²⁸ ASSAD, Badi. *Distante demais*. Lenine, Dudu Falcão. [Compositores]. In: *Wonderland*: Universal Brasil, 2006. 1 CD (ca. 45 min). Faixa 4 (2 min 59 s).

Os homens e mulheres trazem no presente as marcas do passado e do instante vivido, e procuram destacar ao narrar suas trajetórias o que foi mais significativo e o que foi mais importante de ser lembrado. Como as fotografias, o ser humano é um testemunho direto e ao mesmo tempo indireto do passado, e ambos indicam, assim, que as narrativas que permitem fazer refletem escolhas, marcas e reflexões que são feitas a partir de um ponto de vista que lhes conferem sentido.

Desde a década de 1830, Niépce e Daguerre já se preocupavam com a fixação de uma imagem selecionada em um suporte concreto, que sobrevivesse e resistisse ao passar do tempo. Se, no início do século XIX a técnica ainda não era tão finamente elaborada e o controle do registro fotográfico ficava restrito a um grupo seletivo de fotógrafos que operavam os pesados aparelhos, isso não impediu a idéia de criar um tipo de registro que fixasse um momento, e possibilitasse até mesmo a ilusão de ter capturado um tempo real, servindo, em muitos casos, de entretenimento e de mercadoria para ser comercializada e consumida²⁹.

Ana Maria Mauad³⁰ destaca que nos Oitocentos ocorreu um amplo debate relativo aos usos e às funções da fotografia. A principal questão que se colocava naquele momento era se a fotografia tinha a capacidade de reproduzir o real, de forma a servir como prova cabal e infalível do que realmente havia acontecido, o que transformava a imagem em uma prova irrefutável dos acontecimentos.

No século XX, a partir do controle que os Estados nacionais passaram a exercer sobre os seus territórios e sobre suas populações com objetivo de mapear e vigiar suas fronteiras, principalmente a partir da emergência dos nacionalismos e da eclosão da Primeira Grande Guerra, as fotografias foram associadas à identificação, tendo como principal uso à utilização em passaportes, identidades e outros tipos de documentos que

²⁹ Foi o caso, por exemplo, das fotografias da Comuna de Paris, que foram consumidas como se correspondessem perfeitamente à realidade dos fatos. Cf. PRZYBLYSKI, Jeannene M.. “Imagens (co) moventes: fotografia, narrativa e a Comuna de Paris de 1871”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, V. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

³⁰ MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história interfaces*. Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, nº. 2, 1996.

serviam para identificação de indivíduos. Fora do âmbito público, as fotografias também foram importantes no âmbito privado, por registrar através de objetos, poses e olhares, um determinado modo de vida, com signos de ostentação de riqueza ou não, capazes de conservar através do tempo, sentimentos, hierarquias e o que mais fosse cabível de caber no registro fotográfico, de guardar a memória familiar e permitir a identificação de sua trajetória no tempo, que poderia ser utilizada como símbolo e como índice de distinção social.

Conforme assinala Ana Maria Mauad

“(...) Entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia – para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de analogon da realidade – é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura [possível] do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica.”³¹

Sabemos que a fotografia é função do olhar do fotógrafo, que seleciona e interfere no objeto a ser registrado, e se constitui em uma imagem que sempre está aberta a novas interpretações. Ela enquadra em um determinado espaço vestígios da realidade, enfatiza um determinado ponto de uma realidade específica, e sempre seleciona, e, por isso gera perdas em relação aos que acontece simultaneamente no tempo vivido. Além disso, ela remete apenas à visualidade, e não capta, em seus primórdios, cores, e, até hoje, sabores e odores. Toda fotografia é uma leitura do real e, como tal, é uma interpretação, indício de uma realidade, operada pela técnica, pelo olhar e pela visão de mundo do fotógrafo, que direciona a sua percepção da realidade que ele quer enquadrar para permanecer no tempo, para produzir uma determinada versão da realidade a partir de um conjunto de escolhas possíveis que se apresentam à objetiva e ao obturador da sua máquina fotográfica.

A recepção de uma fotografia requer um duplo aprendizado. Primeiro, o aprendizado das técnicas e códigos sociais que um fotógrafo deve dominar para proceder ao registro. Segundo, a compreensão do próprio público consumidor dessas fotografias que

³¹ Idem. Ibidem. p. 3.

estão inseridas em uma determinada sociedade que tem consolidados seus códigos culturais. Neste sentido, a fotografia dialoga com a realidade empírica, não é um registro isolado do mundo que ela registra, pois “*entre o objeto e a sua representação fotográfica interpõe-se uma série de ações convencionalizadas, tanto cultural quanto historicamente*”³².

Com a ampliação do conceito de documento histórico a partir da segunda metade do século XX, a História se despreendeu do uso exclusivo de textos escritos e incorporou em seu trabalho a problematização e a análise de outras fontes que pudessem servir ao conhecimento histórico. Conforme assinala Jacques Le Goff³³, foram os fundadores da revista *Annales d'histoire économique et sociale* que, em 1929, foram os pioneiros que apontaram para necessidade de ampliação da noção de documento, principalmente na ausência de documentos escritos. Essa ampliação conceitual coincide com a introdução de novos temas históricos, e os historiadores passaram se ocupar de distintas dimensões da história e não somente da história dos homens exemplares, da história política, e dos acontecimentos para ocupar-se, também da história da vida privada, da história das relações sociais, da história social da cultura, e de temas antes distantes de seu ofício tais como a morte e a criança. A partir de então, a profissão de historiador passou a se tornar mais exigente e mais instigante, uma vez que

*“ Exigiu-se do historiador que ele fosse também antropólogo, sociólogo, semiólogo e um excelente detetive, para aprender a relativizar, desvendar redes sociais, compreender linguagens, decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios, sem perder, jamais, a visão de conjunto. ”*³⁴

No interior desse debate sobre a interpretação do passado que agora foi enriquecido pelo recurso a farto e variado material documental, as fotografias ganharam destaque, o que enfatiza a importância de aprender a lidar com este tipo de documentação na formação dos profissionais em história, já que elas são fontes únicas que requerem problematizações específicas. Saber lidar com fotografias, e com fontes de natureza diversa, passa a ser fundamental para a formação dos historiadores. Como poucos documentos, a fotografia

³² Idem. Ibidem. p. 4.

³³ Le Goff, op. cit., p. 540.

³⁴ Mauad, op. cit., p. 6.

permite trazer à tona aspectos e momentos essenciais ou corriqueiros que ocorreram, registram uma determinada visão de uma circunstância, revelam e divulgam experiências marcantes de outrora e de hoje.

Apenas localizar imagens, organizá-las e até mesmo cadastrá-las, não implica na construção da memória. A fotografia não fala, e essa tarefa na maioria das vezes torna-se muito mais difícil quando a imagem não vem acompanhada de um texto escrito ou mesmo de uma legenda. Por isso, é importante saber ler esse tipo específico de documento, e compreender o que Ana Maria Mauad denominada o “*círculo social da fotografia*”³⁵ – e que compreende tanto a natureza técnica da fotografia, quanto o ato de fotografar, apreciar e consumir as imagens -, para interrogar os elementos que constituem essa imagem, de modo a que eles não permaneçam mudos ou ocultos aos nossos olhos. As perguntas formuladas às imagens são fundamentais para desvelar questões importantes e até mesmo intrigantes, devido à multiplicidade de questionamentos que elas levantam.

As fotografias são reveladoras de significados e mensagens socialmente significativas, determinadas por um espaço e tempo social bem definido. É necessário olhar essas fotografias e perceber os processos que estão envolvidas nelas, pois, como nos ensina Pierre Nora³⁶, os acontecimentos se unem como um feixe os processos sociais que os rodeiam. Os acontecimentos revelam os indícios que fazem emergir os processos sociais que se apresentam em um determinado tempo e espaço. O que faz o acontecimento ser algo tão revelador e indício para a história não é o evento, o fato, o que é visível a olho nu nas fotografias, mas o que está oculto e subjaz às imagens. As fotografias em si encerram um feixe de significados sociais e culturais, e revelam no seu resultado final a busca da produção de sentido, através de códigos culturalmente já estabelecidos. Portanto, a aproximação de Ana Maria Mauad permite circunscrever e apontar uma direção para o debate a respeito da fotografia ao assinalar que

³⁵ Idem. *Ibidem*.

³⁶ NORA, Pierre. “Entre memória e história : a problemática dos lugares”. In : Revista *Projeto História*. Nº. 10 - *História & Cultura*. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.

“(...) Parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.”³⁷

Para avaliar o resultado final de uma fotografia é importante levar em conta a relação entre o fotógrafo, a fotografia e o leitor/consumidor dessas imagens. A produção imagética envolve tanto o local de produção, o produtor que detém um determinado domínio de técnicas e procedimentos específicos para operar a câmera fotográfica, mesmo sem que seja um profissional, e o destinatário que está inserido em um contexto tempo-espacial que lhe permite identificar significados, comportamentos e valores. Avaliar todo o processo de produção, circulação e consumo das imagens fotográficas é fundamental para trazer à tona os feixes de acontecimentos sintetizados em uma foto, de forma a procurar *“restabelecer as condições de emissão e recepção da mensagem fotográfica, (...) bem como as tensões sociais que envolveram a sua elaboração”*.³⁸

A fotografia, por constituir-se em um texto não-verbal, está diretamente relacionada à sua forma de expressão e ao seu conteúdo. A primeira envolve seleções técnicas e estéticas, como iluminação, cor e enquadramento, enquanto o segundo envolve as pessoas presentes na foto, lugares e as paisagens retratadas. Para empreender uma análise acurada de uma fotografia, é fundamental não separar esses dois campos, uma vez que eles formam um todo integrado e se relacionam e dialogam entre si.

Para ser usada como fonte histórica, a fotografia deve estar organizada em uma determinada série homogênea temática que possibilite interpretações a partir das escolhas feitas, o que permite confrontar imagens, personagens, paisagens e situações retratadas, e

³⁷ Mauad, op. cit., p. 8.

³⁸ Idem. Ibidem.

analisar suas semelhanças e diferenças. Como a fotografia é um recorte espacial, está inserida dentro de um tempo histórico maior, e possui uma variedade de estruturas, uma de suas chaves de leitura e de interpretação se dá a partir da noção de espaço. Entretanto, a noção de tempo está umbilicalmente ligada à de espaço, pois como essas imagens permanecem e são reinterpretadas com o passar do tempo, elas permitem retomar o passado, e buscar as suas marcas de produção e de consumo, para que sejam re-significadas no presente, e poder sempre ser retomadas no futuro.

II.3 – As fotografias como suporte de memória significativo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Desde o ano de 2006, a CCPG - *Coordenação Central de Pós-Graduação e Pesquisa da PUC-Rio* - coordena, em parceria com o Departamento de História, o *Núcleo de Memória da PUC-Rio*, que tem como objetivos pesquisar, recolher, selecionar, sistematizar, cadastrar e publicar em seu *site*³⁹ registros da memória da Universidade. Até então dispersos nos vários acervos dos departamentos ou mesmo em acervos privados, esses fragmentos da memória institucional são postos à disposição da comunidade acadêmica e dos demais pesquisadores. Inicialmente dedicado à memória das atividades de Pós-Graduação e pesquisa, a partir do ano de 2007, o Núcleo ampliou suas atividades também para a Universidade como um todo, mantendo-se vinculado à Vice-Reitoria Acadêmica e ao Departamento de História.

O Núcleo é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Sílvia Ilg Biyngton, e conta com o trabalho de uma equipe composta pelo assistente técnico Clóvis Gorgônio, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque e pelos bolsistas de Iniciação Científica Anna Koscheck, Eduardo Gonçalves, Juliana Cordeiro de Farias e Luciana Santos. Outros alunos do curso de graduação em História já participaram da equipe na qualidade de bolsistas de Iniciação Científica.

³⁹ <http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos> ou acesso através da página principal da PUC-Rio, clicando no link “Núcleo de Memória da PUC-Rio”.

O *Núcleo de Memória da PUC-Rio* existe em suporte virtual, já que os acervos continuam fisicamente a pertencer às unidades de origem, pretende ser dinâmico, está em constante atualização, e é plural e descentralizado. Ele opera com um conceito de documento histórico que problematiza o registro feito e sua conservação. Tais documentos estão dispersos nas várias unidades e instâncias da PUC-Rio e a maioria dos registros fotográficos foram encontrados, no Projeto Comunicar, na Vice Reitoria Comunitária, no acervo formado pelo Professor Paulo Novaes conservado na Vice Reitoria de Desenvolvimento, e em alguns Departamentos e Centros. Atualmente, o Núcleo já conta com um acervo expressivo, e quer complementar a coleção institucional da PUC-Rio com acervos privados de professores, funcionários ou alunos e, no futuro, com o material da grande imprensa coletado pelo Projeto Comunicar e pelos pesquisadores do Núcleo.

Entre a diversidade dos registros que compõem o acervo do Núcleo, as fotografias são suportes especialmente significativos para a memória da PUC-Rio, por expressar a riqueza e a complexidade desse tipo de documento a partir de uma linguagem particular. As fotografias são suportes de memória que refletem uma das leituras possíveis da realidade. Como a leitura deste momento é operada pelo olhar do fotógrafo, elas são passíveis de novas e diferentes interpretações. Com efeito, a seleção de uma série de fotografias do acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* sobre os *pilotis* é importante para elaborar uma interpretação possível sobre a diversidade de eventos ocorridos na PUC-Rio.

As fotografias retratam o objeto a partir de uma primeira seleção realizada através do olhar do fotógrafo. A partir desta, muitas outras ocorrem. Um exemplo disso é a seleção feita pelo Núcleo de Memória, que divulga em seu *site* as fotografias que ajudam a contar a história da PUC-Rio, escolhidas dentre as que permaneceram nos arquivos até os dias de hoje. Por fim, existe também o recorte realizado pelo pesquisador para delimitar uma série de fotografias que possam auxiliar a contar uma determinada história.

As fotografias são suportes de memória que possibilitam uma das leituras possíveis da realidade, já que registram a imagem de um momento vivido, mas não necessariamente a totalidade desse momento. Ou seja, evidenciam o que o fotógrafo quis registrar. Por

registrarem o vivido, despertam sempre grande interesse, comovem, impressionam e chamam atenção quando são mostradas nas apresentações do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* e no material de divulgação, despertando uma infinidade de sentimentos. Elas constroem temporalidades e espacialidades distintas e possibilitam a criação de uma narrativa sobre a PUC-Rio, no caso desse trabalho, a partir de um de seus lugares de memória mais significativos: os *pilotis*.

Para este trabalho monográfico, foi selecionada uma série de fotografias sobre os *pilotis* da PUC-Rio, com o objetivo de indicar possíveis leituras, através da representação, em distintas temporalidades, do espaço ali monumentalizado. Esta é uma, dentre múltiplas apropriações possíveis do acervo do Núcleo de Memória que serão analisadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

O lugar de memória e os registros sobre os *pilotis* da PUC-Rio

III.1 – Pierre Nora e os lugares de memória

O termo “lugares de memória” foi cunhado pelo historiador francês Pierre Nora. Entre 1978 a 1981, ele promoveu na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, um seminário com a participação dos nomes mais expressivos da intelectualidade francesa, com objetivo de refletir sobre a memória e sobre a identidade francesa a partir dos novos rumos que a sociedade francesa estava prestes a tomar, como as novas realidades políticas e culturais que chegavam através da proposta da União Européia e os novos desafios do mundo globalizado e do multi-culturalismo. O seminário partiu de alguns objetos materiais e imateriais que representavam a própria memória nacional francesa para então estudar o sentimento nacional francês. Dos debates ocorridos foram publicados, entre 1984 a 1986, sete alentados volumes, sobre temáticas distintas, que vão desde a gastronomia francesa até Joana D’Arc.

Entretanto, essa iniciativa pioneira de Nora não ficou circunscrita somente aos intelectuais e leitores franceses. O conceito de “lugares de memória” foi apropriado e tomado como reflexão por intelectuais e cientistas sociais de várias partes do mundo, que operavam com o conceito em suas realidades locais.

Tomando como ponto de partida o artigo intitulado “*Entre Memória e História: a problemática dos lugares*”⁴⁰, Nora afirma que a importância que os lugares de memória assumem no século XX para a história decorre da constatação de que a nossa memória está esfacelada e não existem mais os meios de memória, tais como um modelo único de família, uma religião unificadora do Ocidente ou uma ideologia revolucionária. Ele afirma que houve uma mudança nas relações tradicionais que mantemos com o passado e que, por isso, uma das questões mais importantes da nossa cultura contemporânea situa-se

⁴⁰ Nora, op cit. Introdução.

exatamente na relação entre o respeito ao passado e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo.

A experiência de pesquisa nos arquivos da PUC-Rio permitiu perceber que, em alguns casos, não existe uma preocupação com a preservação permanente dos arquivos e documentos, e há descarte de documentação sem a realização de uma triagem profissionalmente qualificada e de análise.

Nora destaca outro argumento, que aponta para o fato de que as nossas sociedades estão condenadas ao esquecimento, uma vez que o nosso ritmo de vida está presidido pela mudança constante, e faz com que o passado esteja cada vez mais distante. Para ele, a memória está ligada intimamente à vida e, por isso, esta permanente evolução é suscetível à vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, à revitalização. Por este motivo, a memória, apesar de ser uma representação do passado, é sempre uma construção do presente.

A necessidade da memória para Nora é a necessidade da própria história, pois é muito importante partilhar com toda a sociedade os caminhos que já foram trilhados. Esse argumento aponta para uma perspectiva que pretende estar presente na análise da série de fotografias sobre os *pilotis* da PUC-Rio, já que não é possível tratar os eventos que neles ocorreram no passado de forma desconexa em relação à memória institucional da PUC-Rio, uma vez que a história dos *pilotis* se confunde com a história da própria Universidade.

Um último argumento a ser enfatizado no artigo de Nora, é o conceito de lugar de memória, conceito este que irá presidir esta reflexão sobre os *pilotis* da PUC-Rio. Para o autor, lugares de memória são restos. “*São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade*”⁴¹.

⁴¹ Cf. NEVES, Margarida de Souza. “Lugares de memória da medicina no Brasil”; In: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> (disponível na INTERNET em 08 de novembro de 2008). p. 2.

No artigo intitulado “*Lugares de Memória da Medicina no Brasil*”⁴², a professora Margarida de Souza Neves elabora uma análise sobre a expressão “lugares de memória” cunhada por Pierre Nora. Para ela, esses lugares possuem um tríplice sentido. Primeiramente, são lugares materiais onde a memória se fixa e ancora, podendo ser apreendida pelos sentidos; eles também são lugares funcionais, podendo ser ou ter adquirido a função de servir de base para as memórias coletivas; por fim, são também lugares simbólicos, nos quais a própria identidade se expressa e se revela, já que há uma relação orgânica entre memória e identidade.

A autora afirma que o conceito de lugar de memória de Nora não é natural e nem espontâneo, e supõe a seleção, pelo tempo ou pela vontade dos homens, de documentos e monumentos que são reveladores da trama dos processos sociais, o que faz com que estejam revestidos de uma função icônica, que demanda uma postura crítica do pesquisador,

*“Uma operação crítica meticulosa que permita construir, com os fragmentos que esses lugares de memória representam, uma das leituras possíveis da totalidade do processo histórico que os selecionou e revestiu de um particular significado, para desvendar assim os códigos dos rituais que os monumentalizam e, por fim, historicizá-los, ou seja, perceber, como num palimpsesto, as marcas do tempo vivido que, por vezes de forma muito tênue, transparecem sob a ilusão de eternidade que é uma de suas características”.*⁴³

As reflexões que serão desenvolvidas a seguir sobre uma série de fotografias dos *pilotis*, definindo-os como lugar de memória institucional da PUC-Rio, têm por objetivo investigar e construir uma identidade vinculada à memória coletiva, e desvendar, através dessas fotografias, o que, por quem e qual era o particular objetivo que esses fragmentos do passado quiseram deixar para nós, homens do presente.

O objetivo é esboçar as particularidades das dimensões físicas, simbólicas e, ao mesmo tempo, funcionais dos *pilotis* como lugar de memória da PUC-Rio, especialmente significativo por ter sido palco de experiências comuns para toda a comunidade acadêmica.

⁴² Idem. Ibidem.

⁴³ Idem. Ibidem.

Os espaços dos *pilotis* são revestidos de diversos sentidos, revelando e contando muitas histórias que permitem, simultaneamente, a construção da história e das identidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

III.2 – A série de fotografias do Núcleo de Memória sobre os *pilotis* da PUC-Rio

A seleção de uma série de fotografias dos *Pilotis* da PUC-Rio procura indicar possíveis leituras do acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* e da história da própria instituição, através da representação, em distintas temporalidades, do espaço que a monumentaliza. O foco da série recai sobre os *pilotis*, e denota uma diversidade de efemérides que, por sua vez, permitem construção de interpretações baseadas nesses registros.

A série imagética é composta por 8 fotografias dos *pilotis*, selecionadas dentre um total de 133 fotografias sobre os *pilotis* publicadas no site do Núcleo de Memória, e compreende o período que vai de 1964 até 2000. Ela é significativa, uma vez que expressa a diversidade dos eventos ocorridos na Universidade, e contribui para a construção de uma narrativa sobre a própria história institucional. A série será interpretada e analisada como reveladora de indícios que permitem uma leitura de temporalidades, cenários, enquadramentos e a diversidade de experiências vividas pelos indivíduos retratados.

A primeira fotografia selecionada, que originalmente é colorida, retrata os *pilotis* no ano de 1985. Em um plano mais amplo, a fotografia apresenta este espaço criado pelas pilastras de concreto armado, cheio de vida, lugar de circulação de toda a comunidade da PUC-Rio. Os *pilotis* são espaços nos quais várias experiências e contatos acontecem. São espaços por si só propícios à socialização.



1985 - Pilotis da Ala Frings. Acervo Paulo Novaes -Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio

Cada espaço aberto revela uma funcionalidade para cada grupo que nele está localizado. A idéia inicial é de que existe uma massa homogênea que é modelada pelos blocos, entretanto, uma análise mais acurada, permite perceber os diversos usos que cada grupo faz desse espaço, e todos esses usos são legítimos, expressam pluralidade e permitem interações. Se, mais no fundo da fotografia, há uma concentração maior de pessoas que conversam, aguardam a fila do elevador ou se dispõem a cruzar os *pilotis*, um pouco mais para a parte central da fotografia é possível verificar pessoas que conversam sentadas, estudam e circulam.

Essa fotografia registra e revela os *pilotis* cheios de vida, pulsando vitalidade e energia. Essa é uma das funções adquiridas pelos *pilotis*, que não servem somente de sustentação para os prédios, mas são espaço de socialibilidade e construção de relações, onde diferentes redes de interação são tecidas.

É um espaço em princípio democrático dentro da PUC-Rio, local em que as hierarquias acadêmicas parecem se diluir e alunos, professores, funcionários, autoridades universitárias e visitantes circulam indiferenciadamente. Neles e nesta foto em particular, a

informalidade da vida universitária brasileira se expressa em atitudes e nas próprias vestimentas, sempre esportivas e com franco predomínio dos *jeans*, tanto para os homens como para as mulheres. Ainda que sejam os *pilotis* do edifício que abriga o departamento de Direito, praticamente o único em que, vez por outra, circulam homens de terno e mulheres de terninhos, nenhuma gravata ou paletó aparece na foto.

Um olhar mais aguçado relativizará o caráter democrático dos *pilotis* da PUC em 85 se prestar atenção a uma ausência significativa do lugar social do alunado nessa década: nenhum negro aparece nesta foto dos *pilotis*...

É interessante notar como os *pilotis* moldam a distribuição do conjunto de pessoas que estão no seu interior. No primeiro corredor formado pelos *pilotis* do lado esquerdo, as colunas parecem moldar e dar forma à massa de alunos, professores e funcionários que se concentra no fundo da fotografia e que se adaptam harmoniosamente conforme o plano da imagem. Não há ordem, mas também não há desordem. As pessoas fazem uso desse espaço e esse espaço que as molda, contribui para que as relações sejam feitas e refeitas. No lado direito dos *pilotis*, um outro cenário de socialização se forma, que não necessariamente se integra ao do lado esquerdo, mas que está no mesmo plano da fotografia e na mesma ala da construção. Os blocos centrais de *pilotis* permitem a subdivisão de grupos dentro de um mesmo espaço de socialização. Os blocos de concreto contribuem para que as pessoas se subdividam em grupos, que não necessariamente interagem uns com os outros. Vale ressaltar que os espaços não criam separações ou promovem deslocamentos em sentido pré-determinado. Mas a disposição ordenada dos *pilotis* parece imprimir uma certa ordenação nos que nela circulam ou param, sentam ou estão de pé, e as pessoas parecem adaptar-se ao espaço livre que têm disponível.



1987 - Eleições nos *pilotis* da Ala Frings. Acervo da Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio

A segunda fotografia da série, originalmente colorida, é de março de 1987 e nos apresenta os *pilotis* em um momento importante para os alunos, na ocasião das eleições. Infelizmente esta fotografia não tem uma identificação que permita maiores dados sobre a eleição que registra ou sobre o tipo de evento que estava acontecendo nos *pilotis* nesse momento. Entretanto, uma análise mais detalhada do cenário e das pessoas pode ser reveladora dos vários sentidos que essa fotografia pode apresentar para um leitor e observador mais cuidadoso e atento para os detalhes.

No plano central desta fotografia há uma concentração de alunos, o que aponta mais uma vez para a principal função dos *pilotis* para a comunidade acadêmica, que é de servir de espaço de socialização e de circulação. Entretanto, vale observar que a fotografia revela quatro grupos distintos: o primeiro localizado na lateral esquerda da fotografia está mais concentrado e parece que as trocas entre esse grupo estão ocorrendo de forma mais intensa, mais concentrada. Ainda que a escolha do fotógrafo não tenha sido o registro da faixa que atravessa os *pilotis*, já que a fotografia está tirada de forma a não evidenciar seus dizeres, a transparência do pano não exige muita argúcia para saber que ela convoca a todos os alunos para uma assembléia geral, “contra a evasão de alunos” e que diga “não aos aumentos”,

eco, nos *pilotis*, da inflação que o país vive e afeta a vida da universidade e, por isso, é assunto prioritário do movimento estudantil. O outro grupo de alunos localizados na lateral direita da fotografia aparenta estar mais relaxado, e entre eles os fios que tecem a sociabilidade correm mais soltos e não tão firmes e ligados. Os gestos de algumas pessoas revelam este estado, pois há uma que observa, outra com a mão no queixo ou no próprio modo de sentar das pessoas. O terceiro grupo que compõe a fotografia, aparentemente de alunos, está localizado na parte central da fotografia e claramente está utilizando os *pilotis* como passagem para outro local. Este grupo não está integrado nem com o grupo do lado esquerdo da fotografia e nem com o grupo do lado direito. Entretanto, isto não quer dizer que em um momento anterior ao registro da fotografia este mesmo grupo não possa ter participado dos debates acalorados sobre a Assembléia ou das conversas descontraídas, inserido em alguns desses grupos. A fotografia registra um momento estático, mas os personagens que a compõe podem ter tomados outras posições e funções antes do registro. Por fim, o quarto grupo está localizado ao fundo da fotografia, nas proximidades das escadarias da Ala Kennedy. Como eles não fazem parte da composição central da fotografia, não há elementos para conjecturar sobre o que estão fazendo, mas podem ter desempenhando qualquer uma das funções dos três grupos anteriores, em um grupo mais concentrado, mais relaxado ou de passagem, ou ainda, posto que conhecemos o que habitualmente se faz nessa parte dos *pilotis*, podem estar na fila do elevador ou prontos para subir as escadas para o interior do edifício.

Esta fotografia marca exemplarmente a pluralidade de circunstâncias e apropriações que os *pilotis* oferecem para as pessoas que o freqüentam e fazem dele o seu espaço plural de interações. Eles podem se adequar a todas as diversas situações e funções. A sociabilidade ocorre, mas a maneira em que ela ocorre é dada pelos seus freqüentadores, que através dos seus usos, fazem com que os *pilotis* tenham uma diversidade de funções, dependendo da maneira como cada grupo ou pessoa vai utilizá-lo.

Feita na mesma década da foto anterior, também essa fotografia é expressiva da sociologia do alunado da PUC-Rio à época e reitera a ausência de negros entre o alunado.



1965 - Comemoração do Jubileu de Prata da PUC e inauguração do prédio da Biblioteca Central.
Acervo da Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio

A terceira fotografia mostra uma outra função assumida pelo espaço dos *pilotis*, que não invalida ou nega as anteriores, mas que a complementa, ao mesmo tempo que mostra o que se escolhe fotografar na metade da década de 60. Na imagem aparece a comemoração do Jubileu de Prata da PUC, que festeja os 25 anos da inauguração da Universidade, juntamente com a inauguração do prédio da Biblioteca Central na Ala Frings, no ano de 1965. Esta fotografia é reveladora de sentidos, e levam a pensar por que motivos cerimônias tão importantes ocorreriam, cuja função principal dos *pilotis* não é a de um salão de atos solenes.

Inicialmente os *pilotis* foram construídos com objetivo de ser uma solução arquitetônica que deveria servir de sustentação para os blocos dos prédios. O espaço que foi ganho com a adoção dos blocos cilíndricos de concreto armado acabou por servir e favorecer a interação e a integração da própria comunidade acadêmica. Entretanto, nos primeiros anos, os eventos mais importantes e marcantes da trajetória da PUC-Rio

ocorreram exatamente nos *pilotis*, o que enfatiza a importância simbólica que eles passaram a ter institucionalmente. Foi com o passar do tempo que os *pilotis* adquiriram essa função de serem os espaços simbólicos e icônicos da e para a Universidade, espaços importantes na medida em que eventos institucionais da PUC-Rio ali se realizavam. E se é verdade que a Universidade, então, não dispunha de auditórios amplos como o RDC ou mesmo o Anchieta, também é certo que os *pilotis* se tornaram palco e marca de eventos solenes da PUC-Rio.

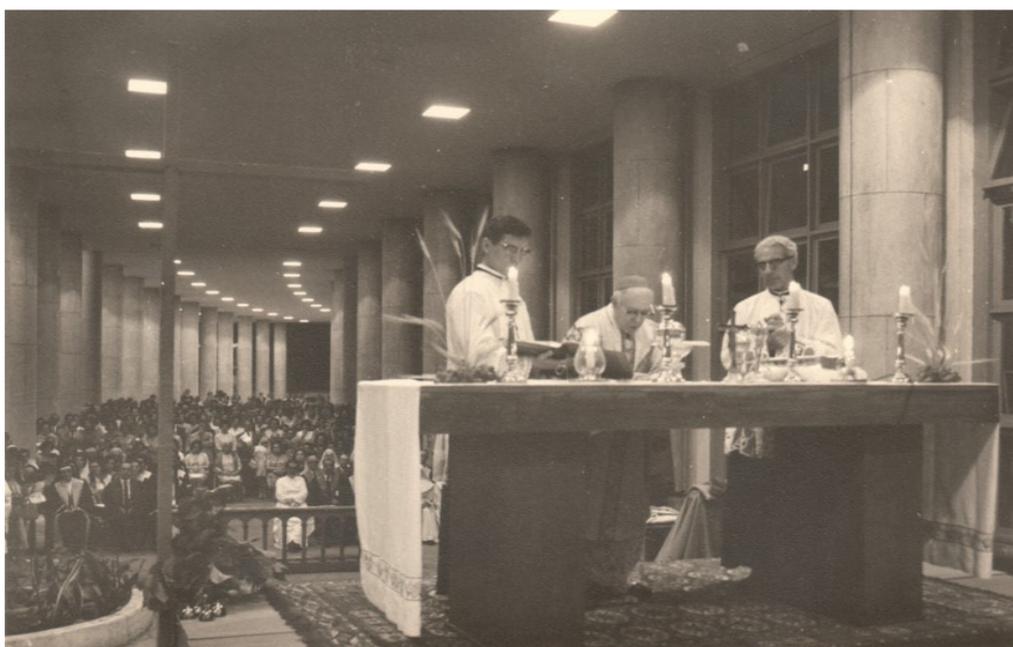
Esta fotografia traz um elemento novo, que está destacado no seu centro através do olhar do fotógrafo que realizou o seu registro: a hierarquia. Como ela retrata um acontecimento importante e institucional da Universidade, no centro da foto temos o então Reitor da PUC-Rio, Padre Laércio Dias de Moura, que preside a cerimônia e, a partir dele, todos os demais convidados que compõem a mesa estão dispostos. É como se dele emergisse um círculo imaginário que engloba e situa todos que estavam a sua volta.

No lado esquerdo e no lado direito ao Reitor, estão as autoridades presentes à cerimônia, em um plano mais elevado e distinto daquele em que estão os demais participantes, sobre um estrado e separado do conjunto por uma mesa recoberta, emoldurada por signos fortes como as flores solenemente dispostas e, sobretudo, a bandeira nacional. Esta primeira ordem hierárquica na mesa e da mesa em relação ao público é reveladora de vários sentidos. Na mesa há figuras de eclesiásticos, indicadores da natureza desta Universidade, professores cuja marca de distinção é a beca, autoridades civis, e um militar em traje de gala, detalhe nada desprezível se levarmos em conta que a foto é de 1965 e soubermos dar conteúdo histórico a esse tempo cronológico. Nenhuma mulher compõe a mesa, o que também é significativo, ainda que duas cabeças femininas apareçam entre os professores embeccados que estão nas primeiras filas do público.

Mas a hierarquia não está somente no que aparece na foto. Por enquadrar apenas a mesa da presidência e as primeiras filas do público, a fotografia oculta e permite adivinhar o público, também ele hierarquicamente ordenado: primeiro os professores, com as becas jamais usadas no cotidiano universitário e que denotam que solenidade e a

excepcionalidade do evento. Depois os não embecados, convidados ou membros da comunidade acadêmica. Haveria na solenidade alunos e funcionários? Caso houvesse, não é difícil imaginar seu lugar entre o público, também ele solene e hierarquicamente disposto.

Seria interessante comparar essa foto com uma fotografia análoga feita em alguma das Universidades federais da época, para traçar pontos de semelhança mas, sobretudo, para aprofundar diferenças. Mas, nela mesma, esta fotografia é muito expressiva da Universidade – e desta universidade - em 1965 e pode ainda revelar que, apesar da Ala Frings ainda estar em construção, ela relaciona e fixa o evento que está ocorrendo com as pessoas que são importantes focar na fotografia a partir das seleções e das escolhas feitas pelo cerimonial e pelo fotógrafo e, simultaneamente, relaciona e fixa a própria construção da Universidade com as pessoas que aparecem, diferenciadas, na foto.



1964 - Missa nos *pilotis* da Ala Cardeal Leme. Acervo Paulo Novaes - Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio

A fotografia acima, que retrata uma missa nos *pilotis* da Ala Cardeal Leme, traz também explicitamente a principal característica da PUC-Rio, a de ser uma Universidade Católica, ligada à Santa Sé Romana. Se os eventos corriqueiros da vida cotidiana da

Universidade ocorrem nos *pilotis* ou neles se refletem, é interessante notar que uma missa solene também pode ocorrer nos *pilotis*.

Primeiramente, é importante revelar que o palanque em que uma autoridade eclesiástica – identificada pelo solidéu que só é usado por bispos e cardeais – preside a celebração foi montado na parte mais alta dos *pilotis* do Edifício Cardeal Leme, exatamente para que o altar – ainda de costas para os fiéis, ainda que a celebração seja posterior ao Concílio Vaticano II - , pudesse ser visto por todos e ocupasse um plano espacialmente superior. As palavras do sacerdote que preside a cerimônia, auxiliado por dois acólitos, vêm, rigorosamente, do alto para chegar a cada pessoa que está disposta nos *pilotis*, que, na circunstância, assumem a função de uma enorme nave de igreja, capaz de abrigar a todos. A iluminação tem nesta foto uma importância particular. O altar, o celebrante e os acólitos estão destacados por uma luz muito clara, e essa luz parece refletir-se e multiplicar-se nas luminárias que estão dispostas no teto da construção, que escorre por cada *piloti* sobre os que assistem à missa e sublinham o movimento e o sentido da arquitetura, ao mesmo tempo que podem ser associados imageticamente a imensas velas acesas.

Vale a pena atentar para as pessoas que estão assistindo à missa, pois sua disposição sublinha a hierarquia celebrante/fiéis e revela outra hierarquia presente entre o público, novamente, professores em suas becas solenes nas primeiras filas, onde também podem ser vistas batinas de padres e hábitos de freiras. E, novamente, as colunas moldam, contêm e abrigam a multidão, que acompanha a curvatura que os *pilotis* desenham e é por eles emoldurada.

Ao lado do palanque temos, na mesma direção do público, a cruz que se destaca pela sua imponência. No plano posterior a ela, o público. Os leigos não professores e não eclesiásticos ao fundo. A fotografia vista em detalhe e ampliada deixa ver uma linha formada por mulheres – provavelmente esposas dos professores e das autoridades civis - que marcam a separação entre as autoridades acadêmicas, civis e eclesiásticas e a multidão indiferenciada que assiste a missa de pé, enquanto os que são diferenciados estão sentados.

Essa fotografia é muito interessante para revelar a diversidade de planos, aspectos e dimensões de uma fotografia. Os *pilotis*, espaço polifacético, que em dias comuns da vida acadêmica estariam repletos de alunos, dão lugar a um novo cenário, e transformam-se, mesmo que temporariamente, em uma igreja.

Existem fotografias que se tornam emblemas de acontecimentos importantes, mesmo que inicialmente elas não tenham essa pretensão ou não lhes tenha sido imputada essa função. Os registros são por vezes re-significados pelo curso da história. A simples menção do fotografado já nos remete diretamente a algum fato dramático ou glorioso ocorrido tempos depois da foto feita. A memória, que não respeita a um regime de temporalidade linear, rebate sobre a fotografia um evento que independe do fato fotografado, mas confere à fotografia novos significados.

Sem dúvida, um dos momentos que mais estão presentes no imaginário dos *pilotis* refere-se à visita de Robert Kennedy à PUC-Rio em 1966, para a inauguração do busto de John Kennedy na entrada da ala do que por muitos anos foi chamado de “o prédio novo” e que, a partir de então, será a Ala Kennedy. Entretanto, o que ficou na memória de todos que participaram daquele momento e das pessoas que tiveram acesso a ele, foi à fotografia registrada nos *pilotis*, onde o irmão do presidente norte-americano assassinado está cercado de autoridades e com alguns estudantes, professores e funcionários ao fundo, conforme podemos conferir na reprodução abaixo.



1966 - Visita de Robert Kennedy. Acervo do Projeto Comunicar – PUC-Rio

No primeiro plano daqueles cujo rosto é visível na foto, aparece Robert Kennedy que, apesar de estar localizado mais para a lateral direita da foto, é sem dúvida o centro e o foco principal do registro. A posição dele na fotografia deve-se, provavelmente, à posição do fotógrafo no momento de registrar o evento, já que, devido ao grande número de pessoas presentes, deve ter sido o único ângulo que o fotógrafo conseguiu para fazer a fotografia.

A composição da foto mostra a existência de círculos concêntricos que se sucedem, e o epicentro é Kennedy, figura de destaque, não apenas porque irmão do presidente assassinado cujo busto seria inaugurado nos próprios *pilotis*, mas porque era ele próprio, por se ver e ser visto como o herdeiro do capital político do irmão, por seu desempenho na arena pública norte-americana, e por sua particularidade de líder católico de um país de maioria protestante, figura pública de protagonismo inquestionável em seu país e, por isso, no cenário internacional e, a despeito de não poucos dados de realidade que o contradiziam, figura privada construída pela mídia e pela propaganda como pai de família exemplar. Sua presença física no mais emblemático dos espaços físicos de uma universidade de um país

periférico e inquestionavelmente alinhado, naquele momento, com os interesses norte-americanos trazia, para o noticiário dos Estados Unidos, algumas sinalizações significativas para suas ambições e projetos políticos, ao mesmo tempo que fazia da PUC-Rio – e, particularmente dos *pilotis* que eram sua representação mais poderosa, território valorizado pela presença de um jovem e promissor líder mundial. Vale ressaltar que neste momento, o Brasil buscava com afincos investimentos norte-americanos e ansiava por firmar parcerias e acordos - não todos edificantes – com os Estados Unidos. A presença de Bob Kennedy, visto por todos como o futuro presidente de seu país, no Brasil e na PUC-Rio, sinalizava algo que o país e a Universidade valorizavam particularmente, e mesmo os estudantes que se manifestavam ruidosamente contra “o imperialismo yankee” não quiseram – ou não puderam – estragar a festa.

No primeiro círculo que a foto permite ver formado em torno de Kennedy, e guardando em relação a ele uma distância que não faz senão sublinhar a centralidade do visitante estrangeiro, estão as autoridades eclesiásticas, civis e acadêmicas – ainda que, nesta foto em particular do evento, o reitor tenha ficado fora do foco – não identificadas nominalmente mas que – ao menos algumas delas – podem ser reconhecidas nas duas fotos analisadas anteriormente, sempre no centro da ação que se desenrola. O segundo círculo é formado pelos repórteres e fotógrafos da grande imprensa que documentaram o evento, por professores e por figuras de óculos escuros e ternos escuros – as únicas que não estão voltadas para Bob Kennedy - que são, sem dúvida, os seguranças do visitante. No terceiro e mais abrangente dos círculos há jovens estudantes – moças, sobretudo – que não escondem sua admiração pelo mais jovem e mais charmoso dos Kennedys, mas também professores, funcionários e, possivelmente, pessoas de fora da Universidade, observadores da cena e – sobretudo – do personagem ilustre.

Este último plano da foto em que os fotografados tem rosto identificável está cada vez mais distante da luz que vaza pela abertura dos *pilotis* e confere ainda maior destaque a Robert Kennedy. Vale a pena destacar a importância da coluna que se situa próximo a Kennedy. O bloco de concreto cilíndrico marca ao mesmo tempo uma linha que aponta para Kennedy e delimita até onde vai o foco de luz da fotografia, como se marcasse o que

fosse importante registrar. A partir dali, os fotografados ficam quase imperceptíveis, fora do foco e da luz, meros figurantes sem identificação possível, mesmo quando a foto é ampliada. Provavelmente quem está neste quarto círculo mais ao fundo da foto, são alunos e funcionários que observam o acontecimento, enquadrados pelas escadarias.

Apesar da aglomeração de pessoas que circunda o irmão do presidente assassinado, é interessante notar as expressões de cada pessoa, pois cada uma tem um motivo para observar este acontecimento, fazendo uma apropriação particular deste evento. Esta fotografia é reveladora de diversos cenários, composições e apropriações que cada grupo que a compõe participa e interage com o evento. Vista depois da morte trágica de Bob Kennedy, nossos olhos não podem deixar de ver na figura isolada do jovem líder norte-americano cercado pela multidão, mas aparentemente muito distanciado dela, olhar perdidos no vazio e gestualidade contida, uma impossível (sabemos, mas costumamos a acreditar) antecipação do futuro. O Kennedy que vemos não é o da festa de homenagem ao irmão, mas o futuro herdeiro, não do capital político do irmão John, mas de seu destino trágico. Também das imagens tendemos a fazer leituras anacrônicas, presididas pelo tempo vivido e não pelo registro aparentemente objetivo de um momento dado.

A última fotografia, originalmente colorida, que aborda eventos institucionais que ocorreram nos *pilotis* dentre as selecionadas para este trabalho, traz um evento que, anualmente, se repete na PUC-Rio: a FEVUC, a Feira de Valores Universitários Católicos, uma feira que apresenta projetos e empresas empenhadas em programas sociais e que pretende divulgar valores humanistas e cristãos, e que, como tantos eventos significativos, elege os *pilotis* como cenário.



2000 - IV Feira de Valores da Universidade Católica (FEVUC) realizada nos *pilotis* da Ala Kennedy.
Acervo do Centro de Pastoral Anchieta da PUC-Rio

Se os *pilotis* são espaço simbólico que sintetiza a Universidade, espaço de representação institucional da PUC-Rio, é de se esperar que a FEVUC e outros eventos do gênero tais como a Mostra PUC-Rio, tanto quanto as iniciativas que de alunos pretendam atingir a totalidade da Universidade, procurem ocupar esse espaço físico.

Existe uma associação dos *pilotis* com a PUC-Rio, e essa associação direta confere um relevo especial a eventos como a FEVUC. A feira é uma vitrine de projetos que são desenvolvidos, buscam a sustentabilidade, o consumo racional dos recursos naturais e o atendimento às necessidades das comunidades mais desfavorecidas. Além disso, abre espaço para eventos culturais que são produzidos fora do círculo acadêmico, e dá voz, no

espaço que é o coração da PUC-Rio, a artistas e grupos que podem se expressar e divulgar a sua mensagem no espaço aberto e plural dos *pilotis*.

Os *pilotis*, no caso, são muito mais do que o espaço físico da realização da feira. Em primeiro lugar, ela ocorre em um espaço vital da Universidade, e altera a rotina diária de quem passa pelos *pilotis*. Mesmo as pessoas que apenas utilizam os *pilotis* como passagem, nos dias da FEVUC não passam incólumes pelo evento, já que este recobre com uma outra roupagem o cenário construído no palco de concreto armado. Há uma mistura de gêneros, tipos, contatos e trocas que a FEVUC possibilita, pois as apresentações, mostras e debates que nunca ocorreriam em outra data acabam sugerindo possibilidades de abertura do mundo acadêmico para realidades e questões sociais que, ali, ganham rostos concretos.

A fotografia também revela que, mesmo que inicialmente se interprete que todas as pessoas estão observando um mesmo evento, um olhar mais cuidadoso revela que no interior da aglomeração compacta de pessoas, cada um assume distintos papéis alguns como espectadores, outros como ouvintes, poucos como protagonistas, um bom número sem nenhuma manifestação externa que denote perceberem a mudança que a feira traz para o espaço que aprenderam a sentir como seu.

Neste instantâneo, não são as colunas que circunscrevem a disposição das pessoas nos *pilotis*. Entre as duas colunatas que aparecem na foto, os stands, quase invisíveis pelo efeito da luminosidade estreitam a passagem e provocam o congestionamento de passantes, mas, em todos os espaços que não estejam ocupados pelas duas fileiras de stands, a multidão transborda por ambos os lados e dá a impressão de buscar a fronteira habitual constituída pelos *pilotis*. Outra vez, se inicialmente possa parecer que por ali circula uma massa homogênea, formada apenas por alunos dos diversos cursos da PUC-Rio, um olhar cuidadoso leva a perceber que a disposição das pessoas no interior desse aglomerado faz perceber diferenças de atitude e de inserção no espaço, uma vez que umas estão de frente para os stands, sintonizadas com a feira, outras dão as costas para o evento, conversam, gesticulam, e se comportam como se a feira não existisse.

As condições técnicas precárias da reprodução da foto, ao contrário do que sucede com as magníficas fotografias em preto e branco, cuja qualidade permite a ampliação de detalhes invisíveis a olho nu, não permitem individualizar os rostos da multidão, mas os tempos são outros em relação às primeiras fotos analisadas e, quer pela natureza do evento, quer pela ampliação do espectro social que frequenta a Universidade, quer por políticas de inclusão empreendidas pela administração central, já é possível identificar rostos negros, ainda que poucos e curiosamente concentrados nas margens da multidão. Não são só os projetos sociais, via de regra de suplência, que integram os marginalizados à Universidade: eles próprios sabem otimizar as poucas oportunidades que encontram e são capazes de forçar o ingresso pelo portão de entrada da Universidade, não apenas como objeto de estudo e de intervenções sociais, mas como sujeitos e cidadãos de pleno direito da Universidade.

A sétima foto pertence à mesma linhagem da segunda, definida pela referência central à política universitária e da vida estudantil nos *pilotis*.



1978 - Eleições do DCE. Acervo Paulo Novaes - Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio

A fotografia das eleições do Diretório Central Estudantil, realizadas em 1978, e por isso, se constitui em documento sobre a dinâmica interna da PUC-Rio e, também, sobre uma temporalidade especialmente significativa: os primeiros anos da abertura política pós-ditadura militar. A retomada dos *pilotis* como espaço público do movimento estudantil é indício das novidades daquele tempo.

O que inicialmente mais se destaca na fotografia é a nova roupagem que este acontecimento dá aos *pilotis*, transfigurando-o, dando a este espaço uma nova cara, oculta ou clandestina nos anos da ditadura, e que volta a ocupar, com faixas, cartazes, urnas e panfletos o centro nevrálgico da Universidade, fazendo com que o período de eleição para os diretórios sejam dias de exceção nos *pilotis*, que, transformados em tribuna política explícita, o espaço, sempre político, dos *pilotis* rompe com o cotidiano. Faixas são erguidas nos blocos de concreto, cartazes são colados em cada bloco cilíndrico e material de propaganda é espalhado por toda a extensão do espaço. Como no dia de eleições nacionais, estaduais ou municipais, as eleições do DCE também trazem a marca de um dia excepcional, momento forte de consciência e vivência cidadã, no caso, referida à cidadania universitária.

Os estudantes estão concentrados do lado esquerdo, entre as feiras de *pilotis*. Isto acontece, provavelmente, porque é exatamente o local onde as urnas estão posicionadas e dispostas. Por isso é ali que se concentra o burburinho das discussões acaloradas ou da propaganda, como o atesta a presença, bem no centro da foto, de um jovem, que, quando ampliada o mostra com a indefectível fita crepe que sustenta materialmente os manifestos e cartazes políticos presos às pilastras e que recentemente foi reconhecido – por ele mesmo – como sendo o ex-aluno e professor do Departamento de História Humberto Guatimozim Alvim. Na multidão de estudantes é possível que existam estudantes que já tenham votado, outros que ainda não o fizeram, alguns indecisos, outros debatendo assuntos relativos à eleição e certamente outros alunos que continuam a utilizar, como todos os dias, os *pilotis* como, apenas, uma área de circulação física.

Além de seu significado político, referido aos novos tempos, sublinhado pelo fato de que nenhum dos fotografados parece especialmente preocupado com a presença de um fotógrafo, coisa absolutamente impossível nos anos anteriores, essa fotografia é expressiva, em circunstância muito particular, das funções da construção em *pilotis*. Além de possibilitar a sociabilidade, o acolhimento e a interação entre as pessoas, eles permitem que uma visão ampla e em profundidade do espaço, aponta para a outra extremidade do *Campus*. A luz do sol ilumina o espaço e os que nele se encontram, sem a necessidade de gasto de energia elétrica. É como se a luz emanasse de todas as aberturas do espaço e iluminasse todos que estão no interior dos *pilotis*. Além disso, a natureza, que rodeia toda a construção, está integrada ao concreto e as pessoas, e, em especial, se abre, como em um quadro cuja moldura não é outra senão os próprios *pilotis*, ao fundo da fotografia.

A utilização dos *pilotis* para as eleições estudantis remetem aos significados explicitamente políticos das praças de qualquer natureza. Até hoje elas ocorrem nos *pilotis*, e apontam para uma forma de ocupação democrática, que possibilita o direito a escolhas e a voz dentro da Universidade. Os *pilotis* são lugares reconhecidos como múltiplos e que acolhem eventos que são significativos para toda a comunidade acadêmica.

A última fotografia da série analisada remete a uma atividade cultural realizada nos *pilotis* por um grupo externo à Universidade. O espaço dos *pilotis*, em especial o da Ala Frings, está disponível e aberto para as expressões culturais, como a dança. É mais uma das apropriações e usos que os *pilotis* agregam como funcionalidade, e acrescenta às funções de passagem, espaço de sociabilidade interna, salão de recepção de visitas ilustres, cenário de cerimônias institucionais laicas ou religiosas, espaço da vida política da comunidade acadêmica, o de palco para a realização de apresentações de eventos culturais

A foto é de 1980, e recolhe um flagrante da apresentação de um grupo folclórico de dança regional gaúcha, no âmbito do Projeto FUNARTE, como esclarecem os registros escritos que acompanham a foto arquivada. Ao fundo, alguns membros da comunidade acadêmica assistem ao bailado, mas a dança disputa o espaço com uma faixa estendida, que o foco do fotógrafo não privilegiou, mas da qual a fotografia permite ler três letras

reveladoras “BER”, e tamanho da faixa permite que os olhos de hoje completem o que nela estaria escrito: LIBERDADE ou ABERTURA, palavras de ordem que presidem todos os bailados políticos daquele momento, e que, inscritas nos *pilotis*, mostram que nesse espaço não são apenas os grupos folclóricos que dançam.



1980 - Projeto Funarte nos Pilotis. Acervo da Reitoria da PUC-Rio

Os *pilotis*, na fotografia acima, servem como espaços que limitam e circunscrevem a apresentação dos dançarinos, bem como o espaço dos espectadores. Também são eles que sustentam, na altura dos olhos, a liBERdade ou a aBERTura que a faixa afirma ser bandeira digna de tremular nesse espaço. É a faixa semi oculta que re-significa o espaço, a apresentação e a presença dos que a assistem, em pé ou sentadas. E é ela que, inesperadamente, modifica a leitura da fotografia.

Por fim, esta imagem apresenta as principais vantagens das construções suspensas por *pilotis*. Além de facilitar a circulação e a penetração do ar livre e da luz, os *pilotis* abrem o espaço, simultaneamente, para múltiplos sentidos e apropriações.

A série de fotografias do acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* sobre os *pilotis* selecionadas dentre muitas outras que, com o mesmo foco, estão registradas nesse acervo, permite verificar que, no registro de um determinado evento, circunstância ou tempo, coexistem diferentes códigos de representações sociais e culturais, expressos em comportamentos, vestimentas, funções, hierarquias, luz e sombra, presenças ou ausências, o que possibilita afirmar que a fotografia é o resultado de um processo de construção de sentidos, definidos pelo entrecruzamento da escolha do olhar do fotógrafo com as leituras feita pelos que interpretam a fotografia.

Além disso, marca e reafirma que os *pilotis*, como elemento arquitetônico da PUC-Rio, destacam-se também como espaço significativo para a memória e para a identidade institucional dos indivíduos e de toda a comunidade a PUC-Rio, uma vez que foram - e são - palco de eventos, encontros e cerimônias importantes, acadêmicos e extra-acadêmicos, reveladores de fragmentos da história da Universidade e da própria sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Desde o projeto das *Ville Pilotis* até a publicação de “*Os cinco pontos de uma nova arquitetura*”, Le Corbusier buscava uma saída mais econômica e esteticamente referida ao moderno que promovesse a circulação, a liberdade e o ganho de espaço. Essa preocupação atravessou todos os seus projetos, e mais marcadamente os destinados a resolver os problemas de déficit habitacional e de circulação nas grandes cidades industrializadas.

Este projeto influenciou a arquitetura ao redor do mundo, e a construção sobre *pilotis* adotada, por todo o mundo, como forma arquitetônica em várias construções. Entretanto, Le Corbusier não imaginava, possivelmente, como esse seu projeto para uma nova arquitetura fosse concentrar, como em um feixe, várias esferas que não a arquitetônica e diferentes formas de interação.

Se inicialmente os *pilotis* foram pensados como saída arquitetônica para erguer os prédios, deixando-os suspensos no ar através dos blocos cilíndricos de concreto, o espaço amplo, livre, arejado e iluminado que ele possibilitou ganhar, favoreceu a circulação dos usuários desse espaço, que ao interagir com ele, o re-significam constantemente, apropriando-se de diferentes maneiras dos encontros, da interação e da rede de sociabilidades que possibilitam. No caso dos *pilotis* da PUC-Rio, como por certo em outros espaços, não sustentam apenas prédios, mas fragmentos de memória pessoal e coletiva e, de certa forma, apresentação da identidade desta Universidade.

Os registros fotográficos desse espaço são uma ferramenta de construção e na reconstrução dessas memórias individuais e coletivas. Através delas, é possível produzir conhecimento sobre o passado a partir do presente, se levarmos em consideração que as fotografias não são registros do que realmente aconteceu, mas uma das interpretações possíveis da realidade, no texto escrito pela luz no suporte do papel e a partir do olhar do fotógrafo. Elas registram flagrantes que foram intencionalmente selecionados para serem conservados para além do instante em que ocorreram, como testemunhos de uma

experiência passada, mas que sempre se atualiza e está aberta a novas indagações e interpretações.

A série de fotografias conservadas no Núcleo de Memória e que tem por objeto os *pilotis* – e nela a amostragem das fotografias analisadas nessa monografia – apontam, pela reincidência do tema, que constitui o espaço da PUC-Rio mais fotografado, pelo conteúdo imagético dessas fotos e pelas interpretações que permitem, pode ser considerada lugar de memória da própria PUC-Rio

A amostragem, constituída pelas fotos selecionadas para análise, dos eventos fotografados nos *pilotis* confirma ser possível operar com o conceito de lugar de memória proposto pelo historiador francês Pierre Nora, a partir do tríplice sentido que Nora afirma ser necessário para que um espaço seja um lugar de memória, como um suporte material de memória, como um espaço simbolicamente significativo e como um espaço revestido da função de criar e recriar memória.

Os *pilotis* são lugares de memória porque também são lugares físicos, lugares materiais de construção da memória, onde ela se fixa. Têm tangibilidade, possibilitam fisicamente a ancoragem da memória institucional e das memórias individuais e coletivas dos que vivem a PUC-Rio e nela ocupam lugares diferenciados. Os *pilotis* continuam intactos desde a sua construção, permitem dialogar e estar nesse espaço até hoje, e se constituem como um espaço de continuidade física da imagem desta Universidade. São, portanto, lugares materiais de memórias, pois através dos sentidos os que contemplam as fotografias podem ter acesso às lembranças suas ou alheias que remetem a visões, odores, ruídos, texturas e mesmo sabores que remetem, no presente, a experiências de um passado próximo ou remoto, que o espaço fotografado parece fazer reviver.

As fotografias que compõe a série são fragmentos importantes do passado que nos ajudam a tecer uma rede compartilhada de lembranças, contribuem para acessar os eventos, as sensações e emoções referidas aos *pilotis*, o que possibilita, através delas, olhar para o

passado, a partir das nossas indagações do presente, sempre com alguma projeção de futuro.

Os *pilotis* são também lugares que se revestiram da função memorialística, que adquiriram a função de servir de base às memórias individuais ou coletivas, remetidas às identidades institucionais ou experienciais da PUC-Rio. Mesmo que os *pilotis* inicialmente não tivessem a função de servir como alicerce para as memórias coletivas, já que o seu projeto foi uma saída arquitetônica para a elevação e sustentação dos prédios, dos departamentos, das salas de aula e dos demais setores, eles sem dúvida assumem essa função. Por isso os *pilotis* são tão fotografados. Por isso são cenários de fotos e eventos institucionais e privados. Por isso ainda se transformam como logo da PUC-Rio, em distintas versões, mas sempre facilmente reconhecíveis.

Por fim, os *pilotis* destacam-se também como lugar simbólico da memória institucional da PUC-Rio e da memória dos indivíduos e coletividades que vivem a Universidade, não só porque foram - e ainda são - palco de eventos, encontros e situações importantes para a história da Universidade, de muitos dos que a frequentaram e frequentam e mesmo, ainda que modestamente, da sociedade brasileira, acadêmicos e extra-acadêmicos, que os transformaram em representação simbólica da PUC-Rio, lugar no qual a memória dos grupos e dos indivíduos se apresenta, se reflete e se espalha, e a própria identidade da PUC-Rio se expressa e se revela, para servir de base à memórias coletivas, institucionais e pessoais.

Foi o tempo e a ação dos agentes sociais em presença na PUC-Rio que conferiram essa função lugar de memória aos *pilotis* da PUC-Rio, um lugar que não estava pré-determinado para isso, mas que assume essa dimensão de expressão maior da própria identidade da Universidade.

O símbolo dos *pilotis* adquiriu inúmeras apropriações e usos como representação imagética oficial da PUC-Rio. É uma marca presente em toda a Universidade, sem distinção de curso, departamento ou centro. É uma marca fácil de ser reconhecida, que

remete à memória da própria PUC-Rio e de sua comunidade, ao permitir lembrar as realizações, desafios, frustrações e sucessos dos que aqui se formam ou trabalham.

Os *pilotis* permitem novas leituras a partir de novas funções que assumem, seja através dos seus diferentes usos como logomarca principal da Universidade, no todo ou em suas partes constitutivas, seja por sua relação orgânica e viva com a PUC-Rio, que neles faz e refaz seus caminhos cotidianos, ancora sua identidade e projeta seu futuro.

As poucas fotografias do acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* de 1964 a 2000 aqui analisadas e a série maior que as abriga, são, por sua vez lugar de memória desse lugar de memória institucional, tanto por comprovar sua presença e multiplicidade de funções no cotidiano e em situações especiais quanto por remeter a nossa própria experiência vivida nessa Universidade. A série e as fotos analisadas nessa monografia enfatizam o papel dos *pilotis* como portadores da identidade, como suportes físicos de múltiplas memórias e como elemento de permanência que assegura a relação dos projetos de futuro da PUC-Rio a essas memórias e a essa identidade. Eles são lugares de memória pois carregam o sentido da existência da própria Universidade, plural, diversificada, viva e dinâmica, condensam diversos significados, trajetórias e identidades, sendo por isso, identificados como o símbolo maior da PUC-Rio.

São os *pilotis* que, por excelência, nos fazem reconhecer a própria PUC-Rio, e, por isso, são o símbolo maior da sua identidade. Monumentais, representativos do todo, polifacéticos, abertos a distintas apropriações, leves e sólidos ao mesmo tempo os *pilotis* são uma rica metáfora da Universidade. As fotografias não são meros exemplos do que eles representam, elas dialogam com os *pilotis* e desafiam a interpretação e a emoção de historiadores e dos que viveram aqui parte de sua história.

DOCUMENTAÇÃO

ACERVOS E COLEÇÕES:

[Acervo Paulo Novaes](#) (Vice-reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio)

Acervo fotográfico da Reitoria da PUC-Rio

[Acervo fotográfico do Projeto Comunicar](#) (PUC-Rio)

[Anuários da PUC-Rio - 1941 a 1990](#)

[Revista PUC-Ciência](#) (1988 a 1999)

DOCUMENTOS:

Comemoração do Jubileu de Prata da PUC e inauguração do prédio da Biblioteca Central em 1965 - Acervo Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio. In:

<http://www.ccpq.pucRio.br/memoriapos/scripts/Imagem.lua?codigo=cg0077&sequencial=83> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

Eleições do DCE em 1978 - Acervo Paulo Novaes (Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio). In:

<http://www.ccpq.pucRio.br/memoriapos/scripts/Imagem.lua?codigo=cg0036&sequencial=15> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

Eleições nos *pilotis* da Ala Frings em 1987 - Acervo Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio. In:

<http://www.ccpq.pucRio.br/memoriapos/scripts/Imagem.lua?codigo=cg0074&sequencial=82> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

Missa nos *pilotis* do Leme em 1964 - Acervo Paulo Novaes (Vice-Reitoria de Desenvolvimento da PUC-Rio). In:

<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/scripts/imagem.lua?codigo=cg0077&sequencial= 83> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

Pilotis da Ala Frings em 1985 - Acervo Paulo Novaes (Vice-Reitoria de Desenvolvimento PUC-Rio). In:

<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/scripts/imagem.lua?codigo=cg0036&sequencial= 91> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

Projeto Funarte nos *pilotis* em 1980 - Acervo Reitoria da PUC-Rio. In:

<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/scripts/imagem.lua?codigo=cg0048&sequencial= 09> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

Visita de Robert Kennedy em 1966 - Acervo Projeto Comunicar. In:

<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/scripts/imagem.lua?codigo=cg0049&sequencial=68> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

IV Feira de Valores da Universidade Católica (FEVUC) realizada nos *pilotis* da Ala Kennedy em 2000 - Acervo Centro de Pastoral Anchieta da PUC-Rio. In:

<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/scripts/imagem.lua?codigo=eg0086&sequencial=06> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CAVALHEIRO, Esper; NEVES, Margarida de Souza. "Entre a memória e o projeto: o momento atual da Pós-Graduação no Brasil". In: PALATNIK, Marcos (Org.). *A Pós-Graduação no Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

ENDERS, Armelle. "Les lieux de mémoire, dez anos depois"; In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV / CPDOC, 1993-1. vol. 6, nº 11 (disponível na INTERNET em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/119.pdf>, em 08 de novembro de 2008).

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONÇALVES, Eduardo. *O lugar de memória dos pilotis no acervo de fotografias do Núcleo de Memória da PUC-Rio*. In: <http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/> (disponível na INTERNET em 08 de novembro de 2008).

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEONÍDIO, Otávio; MARTHA, Luiz Fernando. *Midioteca da PUC-Rio*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Romano Guerra Editora/ PUC-Rio, 2007.

MAUAD, Ana Maria. "Através da imagem: fotografia e história interfaces". Rio de Janeiro: Revista *Tempo*, vol. 1, nº. 2, 1996.

NEVES, Margarida de Souza. "Os jogos da memória". In: MATTOS, Ilmar Rohloff de (org). *Ler e escrever para contar. Documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

_____. "Lugares de memória da medicina no Brasil"; In: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> (disponível na INTERNET em 08 de novembro de 2008).

_____. *Memória e história da Pós-Graduação e da pesquisa na PUC-Rio*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CCPG, 2006. Projeto de Pesquisa, In: <http://www.ccpug.puc-rio.br/memoriapos/> (disponível na INTERNET em 09 de novembro de 2008).

_____. "A ágora da PUC-Rio". In: *Agenda PUC-Rio 2009*. Rio de Janeiro: Núcleo de Memória da PUC-Rio, 2008.

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". In: Revista Projeto História. Nº. 10 - *História & Cultura*. São Paulo, PUC-SP - Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993.

NOVAES, Paulo. *Dados históricos da Universidade Católica do Rio de Janeiro: 1940 a 1995*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.

PRZYBLYSKI, Jeannene M.. "Imagens (co) moventes: fotografia, narrativa e a Comuna de Paris de 1871". In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, V. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

REGO, Renato Leão. "A casa, o pilotis e a paisagem: artifício e natureza"; In: <http://www.dau.uem.br/professores/rlrego/pilotis.pdf> (disponível na INTERNET em 08 de novembro de 2008).

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

WEBSITES

<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos>

<http://www.historiaecultura.pro.br>

<http://www.cpdoc.fgv.br>

<http://www.puc-rio.br>